

Maria Inês Freitas de Amorim

Homens e Máscaras

Uma análise da representação dos integrantes do *Hamas*
por meio do documentário alternativo *Hamas: por trás da
máscara*

Maria Inês Freitas de Amorim

Homens e Máscaras

Uma análise da representação dos integrantes do *Hamas*
por meio do documentário alternativo *Hamas: por trás da
máscara*

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação
Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa,
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Mariana Ramalho Procópio

Viçosa – MG
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo
2009



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo

Monografia intitulada *Homens e Máscaras* - Uma análise da representação dos integrantes do *Hamas* por meio do documentário alternativo *Hamas: por trás da máscara*, de autoria da estudante Maria Inês Freitas de Amorim, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Ms. Mariana Ramalho Procópio – Orientadora
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo UFV

Profa. Ms. Ana Carolina Beer Figueira Simas
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo UFV

Profa. Ms. Joseli Ferreira Lira
Mestre em Estudos Lingüísticos/ UFMG
Ensino Médio / SEE - MG

Viçosa, 07 de dezembro de 2009

Agradeço a Deus por me dar inspiração, força e sensibilidade para concluir esse
trabalho.

Aos meus pais Luiza e Zé Mario por serem os exemplos, os amigos e os confidentes
que são, além de agüentarem minhas crises de estresse, despertaram a guerreira que
existe dentro de mim.

Ao vovô Pedro, mesmo não estando mais aqui, sempre me ajuda a descobrir o melhor
de mim.

À Dinda que tanto contribuiu para que eu realizasse meus sonhos.

À minha família toda, por entender minhas ausências e pela certeza que mesmo de
longe, torcem por mim.

Ao Daniel, pelo amor, pelo incentivo e por estar sempre do meu lado.

À minha amiga e orientadora Mariana Procópio, por toda a paciência, carinho e
sabedoria, além de me ajudar a domar minha paixão e transformá-la em um trabalho
científico.

Ao Gustavo pela amizade e por todas nossas conversas que me ajudaram a decidir o
tema desse trabalho.

Aos meus professores, que direta ou indiretamente contribuíram para desenvolver meu
amor pela pesquisa e pelo conhecimento.

Aos meus amigos Tatiana e Thiago Baiano por solucionarem todos os problemas
técnicos desse trabalho, sempre com carinho e um sorriso no rosto.

Aos meus amigos, pelo companheirismo e por me ajudarem a encontrar leveza nesse
período.

A todos os meus heróis, muito obrigada!

Resistirei sem medo. Sim, sem medo, resistirei

Na terra de meu país, resistirei.
Ainda que roubem tudo o que tenho, resistirei.
Ainda que matem meus filhos, resistirei.
Ainda que destruam minha casa,
Ah, minha amada casa!
À sombra de suas paredes, resistirei.

Resistirei sem medo...

Com toda a força da minha alma resistirei.
Com meu bastão, com meu punhal, resistirei.
Com a bandeira na mão, resistirei.
Ainda que cortem minha mão
E maculem a bandeira,
Com a outra mão, resistirei.

Resistirei sem medo...

A cada palmo de meu campo, de meu jardim, resistirei.
Com fé e vontade, resistirei.
E até quando meu corpo
Nada for além de uma chaga,
Com sangue das feridas, resistirei.

Resistirei sem medo...

Palestino desconhecido

Resumo

A grande mídia, materializada pelas grandes empresas de comunicação de massa, tende a divulgar informações buscando uma angulação que contemple os interesses da classe dominante. Os grupos sociais, que não possuem poder político e econômico, muitas vezes, são retratados de maneira caricata e suas manifestações de resistência são criminalizadas e taxadas como extremistas. As mídias alternativas, por outro lado, se caracterizam como o espaço onde as minorias podem se expressar e debater as lutas populares por melhores condições de vida. Estas mídias, muitas vezes, por não estarem atreladas economicamente a alguma corporação, possuem a independência necessária para divulgar informações mais condizentes com a realidade. Um exemplo de mídia alternativa é o documentário independente *Hamas: por trás da máscara*, de Shelley Saywell (2005). O presente trabalho tem como objetivo analisar como este documentário pode representar de maneira diferenciada os membros do Movimento de Resistência Islâmica, o *Hamas*. O *Hamas* é um grupo fundamentalista islâmico e tem como seu principal objetivo unir os palestinos sob o Islã e, depois, destituir o território do Estado de Israel, possibilitando o retorno de diversos palestinos expulsos. O documentário analisado apresenta uma outra perspectiva do grupo, focalizando o lado humano de seus integrantes, além de possibilitar que seja defendida uma explicação para os atos “terroristas” contra o Estado de Israel. Desta maneira, o documentário se apresenta como uma alternativa para se entender um lado pouco abordado pela mídia hegemônica de um grupo polêmico, ator de um dos mais complexos conflitos internacionais, o confronto entre palestinos e israelenses.

Palavras-chave: Documentário; Mídia Alternativa; Representação; Oriente Médio.

Abstract

The mainstream media, reflected by the mass media, tends to disclose information seeking an angle that takes into account the interests of the ruling class. Social groups that lack political and economic power, are often portrayed as a caricature and their manifestations of resistance are criminalized and taxed as extremists. The alternative media, on the other hand, are characterized as the space where minorities can express themselves and discuss the popular struggles for better living conditions. These media, often because they are not economically tied to any corporation, have the necessary independence to disseminate information more consistent with reality. An example of alternative media is the independent documentary *Hamas: Behind the mask*, Shelley Saywell (2005). This study aims to analyze how this documentary can represent a different way the members of the Islamic Resistance Movement, *Hamas*. *Hamas* is an Islamic fundamentalist group and has as its main objective to unite the Palestinians under Islam, and then remove the territory of the State of Israel, enabling the return of many Palestinians expelled. The documentary analysis presents another perspective of the group, focusing on the human side of its members, and providing it is held an excuse for the "terrorist" acts against the State of Israel. Thus, the documentary presents as an alternative to understand a less discussed in mainstream media of a controversial group, an actor of the most complex international conflicts, the conflict between Palestinians and Israelis.

Key- Words: Documentary, Alternative Media, Representation, Middle East

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 01 – Concepção Tridimensional do Discurso..... | 32 |
| Figura 02 – Refugiada palestina no Líbano..... | 47 |
| Figura 03 – Criança palestina fazendo símbolo do <i>Hamas</i> | 48 |
| Figura 04 – Criança palestina em uma manifestação..... | 48 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Introdução | 09 |
| Capítulo 01 – O Ato de se Comunicar..... | 14 |
| 1.1 Meios de Comunicação de Massa | 14 |
| 1.2 Comunicação Alternativa..... | 18 |
| 1.3 Documentário Independente..... | 19 |
| Capítulo 02 – Oriente Médio – História, Estereótipos e Mídia..... | 23 |
| 2.1 Movimento de Resistência Islâmica (<i>Hamas</i>) – Homens e Máscaras..... | 24 |
| 2.2 Mídia, Conflito e o <i>Hamas</i> | 26 |
| Capítulo 03 - Análise do Discurso no documentário <i>Hamas: por trás da máscara</i> ...31 | |
| 3.1 O Documentário <i>Hamas: por trás da máscara</i> | 34 |
| 3.2 A Identidade por trás da máscara..... | 35 |
| 3.3 A Tensa Relação no Oriente..... | 41 |
| 3.4 Sonhando a Palestina..... | 45 |
| Conclusão..... | 49 |
| Referências Bibliográfica..... | 53 |

INTRODUÇÃO

A mídia tem um papel de grande importância em apresentar e divulgar informações para a sociedade. Em tempos de conflito, essa responsabilidade engloba transmitir as causas e as explicações de todos os atores envolvidos, para que assim, os cidadãos tenham condições de formular opiniões sobre quais dos lados é mais coerente. Os meios de comunicação deveriam divulgar tais informações de maneira isenta, apresentando os aspectos informativos, não realizando juízos de valor, tachando grupos com rótulos ou nomenclaturas. Entretanto, isso nem sempre corresponde à realidade.

Um assunto muito em voga internacionalmente é o conflito do Oriente Médio, sobretudo a tensão entre israelenses e palestinos, que se estende por séculos e se acirrou sensivelmente após a criação do Estado de Israel, em 1948. O papel da mídia nesse sentido seria o de apresentar os argumentos de ambos os lados, e esclarecer as razões que provocaram a tensão. Porém, a mídia ocidental tende a defender os israelenses. Essa defesa é percebida uma vez que, praticamente todos os grupos de resistência palestina são taxados como “organizações terroristas”, como o *Hamas*¹.

Apesar de cometer atentados terroristas, o grupo *Hamas*² não é considerado uma organização terrorista para os palestinos, que vêm nas ações militares contra os israelenses uma maneira de responderem aos atos de violência sofridos, como assassinatos de civis e ocupações de territórios palestinos. Um exemplo dessas ações é narrado por Abder Raouf Ibrahim Yusuf Misleh, palestino de Kakun, que atualmente mora em São Paulo, para o site Palestina Livre³, quando perguntado sobre o dia em que as tropas israelenses ocuparam sua aldeia:

¹ Um exemplo dessa afirmação na mídia brasileira é a Revista Veja da Editora Abril, a revista semanal de maior circulação nacional dedicada à política e à economia. Em consulta ao site da revista, constatou-se a presença constante de adjetivos como “terrorista”, “radical” ou artigos que pregam a não legitimidade do Hamas enquanto força política, como no texto “O Hamas foi eleito, mas é legítimo?”, escrito pelo colunista Reinaldo Azevedo em 12 de janeiro de 2009 (<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/hamas-foi-eleito-mas-legitimo/>).

² *Hamas* em árabe é acrônimo de Movimento de Resistência Islâmica (Harakat al- Muqawam al-Islamiyya); é também uma palavra árabe significando entusiasmo, ardor ou zelo (Tradução do Estatuto do *Hamas* - <http://www.fierj.org.br/artigos/estatuto%20do%20hamas.htm>)

³ A entrevista de Abder Raouf Ibrahim Yusuf Misleh foi concedida a Soraya Misleh e Arturo Hartmann para o site Palestina Livre (<http://www.palestinalivre.org/node/370>). A entrevista foi postada dia 15 de maio de 2009.

“Foi em 14 de maio de 1948. A Palestina tem 28 mil km², um terço é deserto, outro é montanha e outro é terra plana, eu nasci na terra plana. Até que fizeram uma divisão da Palestina em 1947 e o cemitério da aldeia faria parte do futuro Estado de Israel. Meu pai falava: Não é possível, a gente tem parente enterrado, não pode nem visitar mais? Em 1948, os líderes árabes venderam a Palestina. Tanques do exército iraquiano estavam na minha aldeia e o coronel, que estava com 35 soldados, telefonou para os comandantes ingleses, que mandaram eles recuarem. Esse coronel era um patriota, estavam também 300 a 400 soldados palestinos da minha aldeia, eles não tinham treinamento, os iraquianos tinham. Ele falou: Nós não vamos obedecer à ordem e vamos defender a aldeia até a morte. O comando geral ficava a menos de 3km de distância e deixou todos os iraquianos e os soldados da minha aldeia morrerem. A nossa casa foi invadida e perdemos tudo, a gente não tinha nem o que comer. Fomos para a casa dos meus tios, que era bem simples, nas montanhas, na Cisjordânia, e ficamos mais ou menos quatro meses. Para sobreviver, porque até os animais que meu pai tinha foram mortos, perto da fronteira, tinha uma área lá em que estava plantado milho branco, de noite parávamos o caminhão em uma vala e conseguimos tirar cinco caminhões, os vizinhos fizeram o mesmo. Daí, as metralhadoras começaram a cantar. Meu pai, que tinha 12 filhos, falou: Vamos dividir entre todos. Cada irmão ficou com dez sacos de 50kg, com aquilo, que hoje não corresponde a mais do que R\$ 100, nós começamos a vida”. (Misleh, 2009)

O conhecimento deste e de tantos outros relatos similares permite entender um pouco a situação dos palestinos, que além de ter que enfrentar Israel, vêem que muitos de seus líderes políticos se colocam contra o povo e “a favor do inimigo”.

Apesar da tendência da mídia hegemônica reproduzir cenas e idéias em que se enfatize o poder bélico israelense, a corrupção dos líderes palestinos, e a tendência de taxar de terroristas os grupos que lutam contra a imposição israelense, outras produções apresentam um outro lado, o da resistência. O documentário *Hamas: por trás da máscara*, se propõe a desmistificar a imagem de terrorista do *Hamas*, apresentando explicações para as ações militares do grupo como forma de defesa e resistência do povo palestino em conseguir sobreviver e ter de volta sua terra.

O documentário é um média-metragem de 50 minutos produzido pela cineasta canadense Shelley Saywell (2005). Ele se mostra como “(...) *uma jornada dentro do Hamas, sua transformação no decorrer do tempo e como ele se tornou uma força política com muito mais influência do que uma arma*”. Logo nos primeiros minutos, o narrador busca apresentar a gravidade do tema abordado, o que se reflete na demora em se conseguir uma entrevista com os membros do *Hamas*. Muitos de seus líderes já foram mortos pelo “inimigo”, só em 2005, 20 dos principais líderes foram rastreados e assassinados pelo serviço secreto de Israel, o *Mossad*.

O documentário surge como uma opção de conhecer o lado pouco abordado: quem são esses homens que lutam? Uma vez que o conflito do Oriente Médio é um assunto complexo e a mídia não costuma apresentar as razões a fundo, se limitando a divulgar as atuais demonstrações e respostas violentas. Portanto, a população, sobretudo a ocidental, não consegue formular opiniões completas e

verdadeiras sobre o conflito, e passa a reproduzir, muitas vezes, apenas o discurso parcial e tendencioso da grande mídia, fazendo com que os membros do *Hamas* percam sua identidade enquanto seres humanos e passem a receber o rótulo de “terroristas”.

Por outro lado, a mídia alternativa, como o cinema independente, surge como uma opção para se conhecer outras abordagens que a mídia hegemônica não costuma apresentar. Por muitas vezes não estar atrelada a interesses políticos e econômicos dominantes, o cinema independente tem a possibilidade de mostrar o lado mais humano do conflito. Sobretudo, quem são as pessoas que lutam, que cometem suicídio em prol de uma causa e apresentar que causa é essa.

O cinema possui essa voz ao representar o real, de possibilitar uma ampla discussão e reflexão sobre o conflito no Oriente Médio, construindo interfaces com outras áreas do conhecimento, como a política, a sociologia, a antropologia, a comunicação.

A construção de saberes e de elementos de reflexão a partir da análise fílmica propicia o entender mais sensível do Outro. Algumas reflexões que haviam sido internalizadas como verdadeiras, passam a ser revistas e re-analisadas, oferecendo um olhar mais atento sobre esta e outras questões. Possibilitando o olhar crítico sobre aquilo que se tinha como verdadeiro. Despertando o sentimento de alteridade a partir de determinadas atitudes apresentadas em cena.

Nesse sentido, a análise e o estudo de filmes é um estudo importante. O filme pode ser encarado como uma forma de documentar um fato ou analisar um aspecto da sociedade, como defende Cordeiro e Amâncio (2005):

“Daí a enunciação da importância e da necessidade de estudos de análises de filmes realizadas na área de cinema e campos adjacentes, para que elas possam ser matriciadas e analisadas na área da representação documentária e, uma vez viáveis de forma teórica e técnica, possam traduzir-se em atividades operacionais e, em conseqüência, ser divulgadas e implantadas na prática dessas unidades. Potencializar-se-ia ainda a função dessas unidades de informação para a disseminação e ampliação de conhecimentos da sociedade”. (CORDEIRO; AMÂNCIO, 2005, p. 91)

O documentário *Hamas: por trás da máscara* é uma produção que pretende apresentar uma outra leitura do grupo taxado de terrorista por diversos países do Ocidente, e conseqüentemente, pela mídia ocidental. O filme busca levantar um debate acerca do tema, procurando que novos conhecimentos e idéias sejam construídos a partir das reflexões suscitadas.

Diante da importância deste documentário na construção desses pressupostos, o presente trabalho se propõe a discutir de que maneira são apresentados os membros do *Hamas*, como vivem e o que pensam centenas de homens e mulheres que se vestem com uma máscara e morrem pelo ideal que

defendem: a *jihad*⁴. Assim, com a pesquisa buscou-se a resposta ao seguinte questionamento: Como o documentário *Hamas: Por trás da máscara* representa os integrantes do grupo *Hamas*?

O principal objetivo do presente trabalho é evidenciar de que maneira a produção independente *Hamas: Por trás da máscara* apresenta os integrantes do *Hamas*, visando mostrar quem são essas pessoas. Mas, ao buscar tais respostas, também analisa as razões do conflito do Oriente Médio a partir do documentário, além de promover um estudo histórico-teórico sobre o *Hamas* a partir de uma mídia alternativa, identificar os principais estereótipos apresentados para a construção da imagem dessas pessoas pela a mídia hegemônica e apresentar a importância da mídia alternativa, como a produção cinematográfica independente na construção de saberes e na desconstrução de estereótipos.

A construção das idéias discutidas no trabalho partiu das seguintes hipóteses: o documentário *Hamas: Por trás da máscara* desconstrói a idéia estereotipada de que existam mocinhos e bandidos ao apresentar fatos e imagens sobre o conflito no Oriente Médio, entrevistas com membros do grupo, palestinos, israelenses, autoridades dos dois lados do conflito e cientistas. Sua construção tenta evidenciar outros aspectos dos membros do *Hamas*, como suas emoções diante do cotidiano violento, sua categoria profissional, suas lutas e esperanças, rompendo assim, com a imagem estereotipada de grupo terrorista.

Para estudá-las, o trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro, intitulado O Ato de se Comunicar, introduz discussões teóricas sobre comunicação e críticas em relação à mídia hegemônica e à mídia alternativa. Apresenta as características da arte cinematográfica, e de que modo o gênero documentário pode ser classificado como expressão de jornalismo literário e as possibilidades que o cinema independente possui para formular idéias e apresentar novas reflexões.

O segundo capítulo, cujo título é Oriente Médio – Estereótipos, História e Mídia apresenta a construção histórica da origem do conflito e em que contexto serviu de palco para o despontar da criação do *Hamas*. Nesta parte também se apresenta o movimento e são abordadas análises críticas entre a relação da mídia com o conflito, como ela constrói os estereótipos e sedimenta no imaginário coletivo.

⁴ O termo *jihad* possui mais de uma interpretação pelos muçulmanos. “O termo tanto pode significar luta interna, para auto-aprimoramento espiritual e moral (*nafs*), quanto luta defensiva ao Islã em caso de agressão, como luta de expansão do Islã em terras consideradas pagãs (*al-jahiliyya*) ou até, em casos radicais, contra os *kuffurs*, hipócritas e hereges. Segundo a percepção desse recente movimento de interpretação usualmente politizada ou seletiva do monoteísmo Muçulmano, daí Islamista, dois são os estágios de *jihad* que o fiel verdadeiro deve considerar como um dever no tempo presente: uma contra os *kuffurs* e outra contra os pagãos externos, em específico o Grande Satã.” (RUETTIMANN *apud* BROTAS, 2006, p.06).

Já o último capítulo, apresenta a análise do documentário *Hamas: por trás da máscara* a partir do modelo tridimensional da Análise Crítica do Discurso proposta por Norman Fairclough, distinguindo as três dimensões do discurso: texto, prática discursiva e prática social. A prática discursiva pode ser enxergada como os processos de produção, distribuição e consumo do texto. Para esse processo deve-se levar em consideração toda natureza econômica, política e social na qual o texto é veiculado, dependendo assim, do seu tipo de discurso. Concluindo-se que a prática discursiva é a mediadora da prática social.

A análise da prática social deve avaliar os aspectos ideológicos e hegemônicos da prática discursiva na qual o texto foi produzido. Dessa maneira, ao se analisar o documentário proposto deve-se entender as circunstâncias que os entrevistados vivenciam, além de notar a relevância dos aspectos políticos e ideológicos da equipe de produção do filme, sobretudo por se tratar de uma produção independente.

Com esse modelo de análise, busca-se construir as identidades sociais dos membros do *Hamas* a partir do texto do filme; as relações sociais entre os membros do grupo e os demais atores envolvidos no conflito e as ideologias defendidas pelo discurso do filme.

Assim, podemos concluir que se de um lado, a mídia tradicional atua, muitas vezes, como porta-voz de grupos mais influentes e poderosos, de outro, a mídia alternativa pode assumir o papel inverso, dando voz aos marginalizados. A mídia alternativa não assume o papel de detentora da imparcialidade e objetividade, mas pode representar a busca em se dar voz ao lado do oprimido.

Com a análise do documentário *Hamas: por trás da máscara* é possível perceber que não há isenção nem imparcialidade. A equipe escolheu o lado palestino e o defende de maneira sutil, apesar de mostrar elementos e argumentos dos dois lados envolvidos no conflito. Os elementos fílmicos, como trilha sonora, captura das expressões faciais e os depoimentos usados na edição final revelam essa parcialidade assumida.

É importante conhecer todos os lados de um conflito, e a mídia alternativa é um meio de comunicação eficiente para essa busca.

Capítulo 1 – O Ato de se Comunicar

O ato de comunicar é algo intrínseco ao ser humano, uma necessidade. Desde os primórdios da vida, o homem buscou se comunicar, expressar seus desejos, sentimentos, experiências. No início, foram utilizados sinais gestuais, pinturas nas paredes, gritos. Com o passar dos séculos, o homem foi evoluindo e sua maneira de se comunicar acompanhou tal evolução. Foram desenvolvidos idiomas, linguagens complexas e também a escrita.

Com a comunicação, o homem não apenas interage com outros homens, mas é a partir do ato de comunicar, com as linguagens adotadas, que o homem consegue transmitir quem é, contribuindo para gerar uma memória sua e de sua sociedade, propiciando assim, a construção de uma identidade própria e uma coletiva.

A escrita contribuiu com o sedimentar da memória, com o difundir de idéias e ideologias, pois, uma vez escrito, apesar de aberto a interpretações, não há mais a possibilidade de modificações. A escrita, porém, durante muito tempo, foi restrita a uma minoria letrada. Apenas a classe dominante possuía acesso aos livros, por serem estes muito poucos e caros e por somente alguns saberem ler. Com o desenvolvimento da imprensa por Gutemberg no século XV e a possibilidade de se difundir e baratear os impressos, mais pessoas passaram a saber o que acontecia no mundo e as opiniões acerca de assuntos diversos pelos materiais produzidos conseqüentemente, aumentou. Muitos passaram a ler e a se informar a partir do que uma pessoa ou grupo produzia, surgindo assim, o que seria conhecido como meios de comunicação de massa.

1.1) Meios de Comunicação de Massa

Com o aumento dos fluxos de informação, a sociedade teve a possibilidade de difundir conhecimentos e idéias e, assim, possibilitar o desenvolvimento da produção intelectual e o avanço tecnológico em todas as áreas do conhecimento. Os meios de comunicação de massa possibilitam essa transmissão para muitas pessoas. Arbex Jr. acredita que:

"Desde que Gutemberg imprimiu a primeira Bíblia com tipos móveis, no século XV, cada novo meio de comunicação de massa - ou mesmo o simples aperfeiçoamento de uma tecnologia já existente, como a passagem da televisão em preto-e-branco para a televisão em cores - cria sua própria problemática e interfere naquilo que se tinha como certo em relação aos meios já existentes" (ARBEX Jr., 2001, p.30).

Com o aprimoramento cada vez maior dos meios de comunicação de massa, mais eles se fazem presentes no cotidiano das pessoas, que passaram a ver neles as principais fontes de se adquirir conhecimento e informação.

A força e a influência que esses meios exercem sobre as pessoas também foi algo estudado e percebido por diversas teorias. Uma abordagem teórica possível é enquadrar a imprensa, materializada pelos meios de comunicação de massa, como um Aparelho Ideológico do Estado (AIE), como classifica Althusser (1992). Para ele, os AIE são instrumentos de construção e consolidação ideológica utilizados por um determinado grupo, seja ele privado ou público. Os AIE são operados pela classe dominante, ou seja, aquele grupo que detém o poder político e econômico:

“Se considerarmos que por princípio a ‘classe dominante’ detém o poder do Estado (de forma clara, ou, mais freqüentemente por alianças de classe ou das frações de classes) e que dispõe, portanto do Aparelho Repressivo do Estado⁵, podemos admitir que a mesma classe dominante seja ativa nos Aparelhos Ideológicos do Estado” (ALTHUSSER, 1992, p.71).

Dessa maneira, o Estado é apresentado como um aparelho repressivo, uma vez que permite às classes dominantes assegurarem sua dominação sobre a classe operária, para submetê-la a um processo de exploração seguindo a seguinte lógica: para sobreviver é necessário ganhar um salário, o operário trabalha muito durante várias horas e ganha salários muito baixos, e como há muitos trabalhadores e pouca oferta de trabalho, aceitam tais condições de exploração. O trabalhador cansado não tem forças nem incentivo para ler e se informar em outras obras além daquelas apresentadas e difundidas pelos meios de comunicação de massa, que influenciam a aceitar sua condição e encarar a exploração como algo natural.

Os meios de comunicação de massa atendem aos interesses do sistema de Indústria Cultural. O termo, usado pelos pensadores da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt⁶ Max Horkheimer e Theodor Adorno, indica que as produções realizadas pelas classes dominantes têm o intuito de influenciar e determinar o que as pessoas vão consumir em termos culturais. O público tornava-se, assim, um consumidor de produtos culturais. Para os teóricos da Escola de Frankfurt os produtos das indústrias culturais tinham “como função específica legitimar ideologicamente as sociedades capitalistas existentes e de integrar os indivíduos nos quadros de cultura de massa e da sociedade” (KELLNER, 2001, p.44). Completando essas idéias, Wolf (2008) acrescenta que:

⁵ Os Aparelhos Repressivos do Estado atuam predominantemente através da repressão (inclusive física) e secundariamente através da ideologia. Repressivo indica que o aparelho de estado em questão funciona através da violência. (ALTHUSSER, 1992, p. 65)

⁶ “A ‘teoria crítica identifica-se historicamente no grupo de estudiosos que recorreu ao Institut für Sozialforschung de Frankfurt: fundado em 1923, tornou-se um centro significativo, adquirindo uma identidade definida com a nomeação de Max Horkheimer para o cargo de diretor. Com o advento do nazismo, o Instituto (então conhecido como Escola de Frankfurt) é obrigado a fechar, e os seus principais representantes emigram (inicialmente para Paris, depois para várias universidades americanas e, por fim, ao Institute of Social Research, em Nova York). Reaberto em 1950, o Instituto retoma a atividade de estudo e de pesquisa, prosseguindo na elaboração teórica que o diferencia desde o início e que marcara sua originalidade, ou seja, na tentativa de consolidar a atitude crítica em relação à ciência e à cultura, com a proposta política de uma reorganização racional da sociedade, em condição de superar a crise da razão” (WOLF, 2008, p.73)

“A realidade da indústria cultural é totalmente diferente: ‘O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é congruente em si mesmo, e todos o são em conjunto’ (HORKHEIMER; ADORNO, 1947, p. 130). Os encarregados dos trabalhos fornecem explicações e justificativas a respeito desse sistema do ponto de vista tecnológico: o mercado de massa impõe padronização e organização: os gostos do público e as suas necessidades impõem estereótipos e baixa qualidade. No entanto, é justamente nesse ‘círculo de manipulação e da necessidade retroativa que a unidade do sistema se condensa cada vez mais. O que não se diz é que o ambiente em que a técnica adquire poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a própria sociedade. Hoje, a racionalidade técnica é a racionalidade do próprio domínio’”. (WOLF, 2008, p.75-76)

Os produtos da indústria cultural, muitas vezes fabricados pelas empresas de comunicação, não contribuem para fomentar a reflexão, e cria-se a idéia de que haja um período do trabalho e o do não-trabalho, ou seja, um momento para a atividade laboral de subsistência e outro para o descanso, quando não se está “produzindo”. Um é destinado à atividade de subsistência, no qual se produzirá no intuito de receber um salário e o outro destinado ao lazer, sendo indicado o repouso, onde se deve assistir a filmes ou telenovelas amenas, livros não muito complexos, para o trabalhador relaxar o corpo e a mente e retornar ao seu trabalho preparado. Assim, no período que o trabalhador poderia adquirir conhecimentos e gerar reflexões sobre o mundo que o cerca, ele é induzido a apenas “repousar”. Dessa maneira, o que os meios de comunicação transmitem é absorvido, uma vez que pode haver o incentivo para que o senso crítico não seja desenvolvido e todas as idéias transmitidas acabam sendo consideradas certas, com a legitimação da mídia.

A mídia passa a assumir um papel de legitimadora dos debates sociais. É por meio dela que a maioria dos temas de relevância na sociedade é pauta. Partindo da hipótese da *agenda setting*, na qual a mídia apresenta uma lista de fatos a respeito dos quais se pode discutir ou debater, e é dessa “lista” que a maior parte das opiniões são modificadas ou consolidadas pelos meios de comunicação, sobretudo, os de massa (WOLF, 2008, p.143). Dessa maneira, é indiscutível o papel de extrema relevância que a mídia tem perante os pensamentos da sociedade:

“(…) a mídia passou a ser um espaço crucial na configuração do espaço público e da própria cidadania – dizemos crucial para assinalar que não se trata de um fenômeno novo, mas sim intenso e substantivo – pelo peso que têm hoje tanto para influir na definição da agendas públicas como para estabelecer a legitimidade deste ou daquele debate. A predominância da mídia em relação a outras instâncias de mediação social – partidos, sindicatos, igrejas, estabelecimentos educacionais, etc. – é tal que estas, para conseguirem prevalecer, são obrigadas a apelar recorrentemente àquela”. (LEÓN, 2002, p. 405)

Os assuntos não são pautados apenas pelos noticiários e pelo jornalismo, mas também por elementos ficcionais e de entretenimento. Um dos assuntos que José Arbex Jr. discute em seu livro *Showrnalismo* é como, por exemplo, as informações ligadas à teledramaturgia influenciam e participam do cotidiano. Citando Marcondes Filho pontua:

“A telenovela faz parte, domina, preenche o cotidiano das pessoas, e, na maioria dos casos, de forma mais rica, mais densa e emocionante do que a própria vida. A imediatividade deve-se ao fato de ela estar assim ‘colada’ ao cotidiano de cada um e substituir um convívio social que por uma série de fatores já não se dá mais, mas, principalmente, por entrar para esse convívio através de um componente de familiaridade. É essa familiaridade do dia-a-dia telenovelistico que garante e facilita a aceitação das pessoas. Mas as familiaridades em termos narrativos também está no fato de a narrativa não introduzir uma subversão muito flagrante na cotidianidade; de ela ser exatamente adorada por voltar sempre a modelos básicos, costumeiros e já digeridos dos receptores” (MARCONDES FILHO *apud* ARBEX Jr, 2001, p. 49)

Com os aspectos fictícios das telenovelas se tornando assunto de profundo interesse da sociedade, as pessoas passam a se envolverem e se emocionarem com as personagens e os fatos reais passam a não sensibilizarem tanto quanto os personagens da ficção. Dessa maneira os jornais, sejam eles televisivos, impressos ou radiofônicos, acabam perdendo impacto e relevância na vida cotidiana. Migliorin discute que essa identificação com aquilo que se assiste esteja relacionado à partilha do sensível, ou seja:

“Se entendermos então que uma partilha do sensível é esta distribuição de lugares em que a circulação da palavra e do sensível encontra passagens e barreiras, trocas e surdez, ela não pode ser confundida com o direito à fala. Ou seja, quando um indivíduo ou um grupo tem direito à fala, este direito não implica ainda a presença desta fala em um espaço comum, não implica que ela opere necessariamente uma escuta. O jornalismo, tanto impresso como eletrônico, por exemplo, é recheado por falas de excluídos que não chegam a se concretizar como uma forma de reconfiguração de uma partilha. Pelo contrário, as imagens de dor ou o choro dos pais que perderam o filho em um deslizamento normalmente são as imagens e sons que reafirmam a separação, reafirmam a partilha vigente. Nesses casos, a imagem reafirma o não-pertencimento daquele que sofre ao universo daquele que produz a imagem ou ao mundo do espectador. O que sofre é isolado pelo sentimento de injustiça que rapidamente se converte em uma acusação: se o barraco caiu é problema do estado, logo, não é parte do meu mundo, posso ir para a próxima imagem, para o próximo ruído. Nesses casos, a existência de uma palavra ou de uma imagem do outro não reconfiguram a experiência sensível” (MIGLIORIN, 2008, p.5-6)

Uma das maneiras pelas quais a experiência sensível se faz presente é quando a voz a “fala dos excluídos” é realmente dada, o que não ocorre muitas vezes nos meios de comunicação de massa. Essa possibilidade de se entender os problemas e as dores alheias que acontece na mídia alternativa possibilita o despertar do sentimento e a vontade de contribuir para que aconteça alguma

transformação. Esse despertar contribui para que haja a transformação das pessoas não em meros espectadores, mas em agentes transformadores da sociedade.

Os meios de comunicação de massa, muitas vezes, contribuem para a manutenção do estado de espectador. Em contrapartida, a comunicação alternativa pode assumir esse papel de agente transformador.

1.2) Comunicação Alternativa

A mídia alternativa se apresenta como um contraponto à mídia hegemônica. E por possuir certa independência e muitas vezes não estar atrelada a interesses políticos e econômicos, tem a liberdade e a possibilidade de divulgar informações ou versões com mais isenção que os meios de comunicação de massa, que como já foi analisado, assumem o papel de “empresa” visando ao lucro de suas “produções”.

Já a comunicação alternativa, também chamada de comunicação popular, tem o diferencial de ser dialógica e permitir a partilha do sensível, permitindo que mesmo os considerados “excluídos” da sociedade tenham a oportunidade de se fazer ouvir, como ressalta Peruzzo:

“A comunicação popular foi também denominada de alternativa, participativa, horizontal, comunitária e dialógica, dependendo do lugar social e do tipo de prática em questão. Porém, o sentido político é o mesmo, ou seja, o fato de tratar-se de uma forma de expressão de segmentos excluídos da população, mas em processo de mobilização visando atingir seus interesses e suprir necessidades de sobrevivência e de participação política”. (PERUZZO, 2006, p. 02)

A autora, citando Kaplún, acredita que a comunicação popular e alternativa é “uma comunicação libertadora, transformadora, que tem o povo como gerador e protagonista” (KAPLÚN *apud* PERUZZO, 2006, p.03). Ela ainda ressalta o aspecto educador desse tipo de processo de comunicação, uma vez que ele contribui para a tomada de consciência do povo em relação a sua própria realidade, além de suscitar reflexões e gerar debates a cerca dos temas que circundam o cotidiano. Nesse sentido, tais meios de comunicação assumem um papel decisivo como “instrumentos para uma educação popular, como alimentadores de um processo educativo transformador” (Id, 2006, p.03).

A tomada de consciência em ser um cidadão é possível a partir de uma comunicação dialógica, respaldada em alicerces que visam à educação e à formação intelectual e crítica do povo, pois é a partir do despertar do senso crítico que há a conquista da cidadania, uma vez que ela "(...) significa a passagem de súditos para cidadãos, dentro de um arcabouço social que requer o envolvimento das pessoas, condicionando seu status de cidadão à qualidade da participação" (PERUZZO, 2001, p.114).

A partir do momento que as pessoas assumem a postura de agentes transformadores da sociedade, a construção de uma sociedade mais justa e igualitária se torna possível, e a participação nos meios de comunicação assume um papel decisivo nessa transição:

"A participação na comunicação é um mecanismo facilitador da ampliação da cidadania, uma vez que possibilita à pessoa tornar-se sujeito de atividades de ação comunitária e dos meios de comunicação ali forjados, o que resulta num processo educativo, sem se estar nos bancos escolares. A pessoa inserida nesse processo tende a mudar o seu modo de ver o mundo e de relacionar-se com ele. Tende a agregar novos elementos à sua cultura". (PERUZZO, 2001, p.121)

O ato de participar do processo comunicativo, de expressar os aspectos pouco ouvidos/conhecidos de uma classe, que muitas vezes não possui tanta representação nos meios de comunicação de massa, contribui para que vários aspectos se tornem notórios, como a real situação de uma comunidade, outras versões de fatos que não beneficiem pessoas “influentes”, manifestações culturais da periferia, dentre outros. Tal participação é possível, a partir da democratização da comunicação, que é:

“[...] antes de tudo uma questão de cidadania e justiça social, que se demarca no direito humano à informação e à comunicação. Quer dizer, é consubstancial à vida democrática da própria sociedade, cuja vitalidade depende de uma cidadania devidamente informada e deliberante, capaz de participar e co-responsabilizar na tomada de decisões sobre os assuntos públicos” (LEÓN, 2002, p. 402).

Pelos princípios da luta pela democratização da comunicação defende-se que todos devem ter direito à informação. Tanto para recebê-la, quanto produzi-la. Com os princípios democráticos sendo respeitados, a hegemonia dos interesses da classe dominante não seria tão presente nos meios de comunicação de massa. Por isso, os meios de comunicação alternativos são tão importantes: muitas vezes eles são os únicos porta-vozes de determinados grupos sociais.

Como expressão dessa comunicação alternativa pode-se dar destaque ao cinema independente, ou seja, aquele que não está atrelado a grandes estúdios cinematográficos. Seus recursos de realização são oriundos dos próprios produtores do filme ou de parcerias e patrocínios. Assim, o conteúdo do filme possui mais liberdade para expressar aquilo que seus realizadores idealizam.

1.3) Documentário Independente

O cinema pode ser considerado como uma expressão artística, que alia imagem e som. Dessa maneira, as imagens produzidas pelo cinema imprimem uma sensação de realidade, como se os espectadores estivessem observando os fatos e as narrações de algo que está acontecendo naquele momento. Ou, como apresenta Deleuze (1992, p.68): “o cinema de ação expõe situações sensório-

motoras: há personagens que estão numa certa situação, e que agem, caso necessário com muita violência, conforme o que percebem”, ou seja, no cinema há a representação das ações e reações dos estímulos que as personagens recebem, tal qual o cotidiano.

Bernardet (1980, p. 127), acredita que o cinema “não é uma arte qualquer. Reproduzia a vida tal como é – pelo menos essa era a ilusão”. O cinema constrói a ilusão de uma vida, e o espectador se sente parte dela, se simpatiza ou não com personagens, se identifica ou não com situações. Dessa maneira, a emoção, ou seja, os efeitos de patemização no discurso filmico, assume um caráter fundamental para se entender o impacto que o cinema tem na vida das pessoas, como destaca Alves (2007):

“Falar de emoção no cinema parece óbvio. Trata-se de um dispositivo de comunicação (e arte) que, ao contar histórias, desperta e lida com uma série de sentimentos do espectador. À medida que o filme se revela, o público responde das mais diversas maneiras, motivado pelas emoções que lhe são sugeridas. Mas essas reações não são necessariamente aquelas propostas pela equipe que produziu a obra: como afirma Charaudeau (2000), a emoção pode ser utilizada em um processo discursivo como *efeito visado* (ou suposto), porém, sem que a instância de produção tenha garantia do *efeito produzido* nos receptores efetivos. A cena que faria com que uma pessoa sentisse medo poderia, inesperadamente, instigar risos em outro alguém. Um diálogo dramático, a representação de uma tragédia, poderia levar às lágrimas ou causar repulsa” (ALVES, 2007, p.63)

Seguindo essas idéias, Cordeiro e Amâncio (2005, p. 91) defendem que “os sujeitos envolvidos na produção e recepção do artefato [o filme] são de naturezas marcadamente diversa e ímpar, cujos pontos de vista sobre a obra cinematográfica navegam no domínio do subjetivo”. Dessa maneira, pode-se entender que cada pessoa ao receber as informações de uma produção cinematográfica as sente e as entende de uma maneira.

O cinema, ao trabalhar com a emoção daquele que assiste, pode ser visto como um meio de comunicação poderoso para se transmitir ideologias, difundir idéias, apresentar e representar fatos.

Há diversas formas de se trabalhar a maneira de como será mostrada essa face da realidade propiciada pelo cinema, podendo então, serem classificados os produtos da arte cinematográfica em diversos gêneros, dentre eles está o documentário. Documentário é o gênero cinematográfico narrativo descritivo, que tem como objetivo apresentar e transmitir uma idéia sobre determinado assunto. Frois (2007) afirma que o documentário, além de estar inserido como gênero cinematográfico, também pode ser enquadrado na proposta do jornalismo literário áudio-visual. Pena apresenta o jornalismo literário como:

“Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos” (PENA, 2006, p.13)

Assim, “o jornalista ou cineasta pode encontrar a possibilidade de fragmentar a realidade e nele interferir livremente, produzindo um novo contexto só existente devido às filmagens” (FROIS, 2007, p.23). O documentário poderia então ser analisado como uma reportagem, porém mais densa, por vezes poética, politizada e profunda. Para João Moreira Salles, documentarista e um dos organizadores do festival *É Tudo Verdade*⁷ a presença marcante do autor na obra seria o grande diferencial do documentário:

“Um documentário ou é autoral ou não é nada. Ninguém pode confundir um filme de Flaherty com um filme de Joris Ivens. Isso acontece porque Flaherty vê a realidade de forma inteiramente diferente de Ivens. A autoria é uma construção singular da realidade. Logo, é uma visão que me interessa porque nunca será a minha. É exatamente isso que espero de qualquer bom documentário: não apenas fatos, mas o acesso a outra maneira de ver”. (João Moreira Salles)

Com essa primazia pela opinião e o caráter autoral da obra, a opinião do autor no trabalho final é o objetivo. O documentarista constrói uma forma de representação do mundo, formulando e apresentando o seu parecer diante da realidade. O seu discurso, embora muitas vezes sutil, está embasado por uma profunda carga ideológica. Por isso, o documentário se diferencia substancialmente do jornalismo convencional, como Melo, Gomes e Morais apresentam:

“Essa característica implica afirmar que o documentário é um gênero fortemente marcado pelo “olhar” do diretor sobre seu objeto. Ao contrário do que ocorre com os demais gêneros jornalísticos, nos quais se busca uma suposta neutralidade ou imparcialidade, no documentário, a parcialidade é bem-vinda. O documentarista não precisa camuflar a sua própria subjetividade ao narrar um fato. Ele pode opinar, tomar partido, se expor, deixando claro para o espectador qual o ponto de vista que defende. Esse privilégio não é concedido ao repórter sob pena de ser considerado parcial, tendencioso e, em última instância, de manipular a notícia”. (MELO; GOMES; MORAIS, 2001, p.05).

Documentário seria um gênero entre o jornalístico e a arte cinematográfica. Como jornalismo, deve informar e ser factível. Como arte, deve imprimir a expressão do sentimento do artista que a produz, gerando emoções em quem assiste.

⁷ O Festival *É Tudo Verdade* é o mais importante festival dedicado a exibição exclusiva de Documentários no país, contando com a exibição de filmes nacionais e internacionais.
(<http://www.itsalltrue.com.br/2009/home.asp?lng=>)

O gênero documentário se popularizou a partir da década de 1960, quando os relatos se voltaram principalmente para as minorias étnicas, sexuais e religiosas, entre outras. Dessa maneira, esse gênero apresentou um ponto diferenciado daquele apresentado pelo jornalismo convencional praticado pelos meios de comunicação de massa, sobretudo, quando ele assume a possibilidade de mídia independente, não tendo responsabilidade de atrelamentos políticos e/ou econômicos com grupos ou governos. Assim, de maneira mais isenta, é possível apresentar e ouvir o que as minorias têm a dizer.

A Indústria Cultural transforma os aspectos culturais em mercadorias, portanto, ao se estudar um filme independente, que não segue as características que predominam e os interesses apresentados nos produtos comerciais, pode-se descobrir outros conteúdos, a partir de um olhar diferente daquele já consolidado pela maioria, uma vez que “o vento que assim as arrasta [as invenções técnicas] em direção à cultura é o vento do lucro capitalista. É para e pelo lucro que se desenvolvem as novas artes técnicas” (MORIN, 1977, p. 22).

O documentário independente tem todas as possibilidades que o cinema oferece na construção emocional e ideológica, mais a forma isenta que induz a práticas reflexivas que a mídia alternativa tem a oferecer. Portanto, o documentário independente pode ser indicado como uma “arma poderosa” em defesa de um outro olhar em relação a assuntos pouco - ou mesmo nunca - pautados pela mídia hegemônica.

Capítulo 2 – Oriente Médio – História, Estereótipos e Mídia

A região da Palestina, situada no Oriente Médio, pode ser considerada como uma das regiões mais conflituosas do planeta. Ao longo dos séculos, sua história foi marcada por diversas guerras, visando, sobretudo, a conquista de terras. Cada povo envolvido – principalmente os cristãos, judeus e muçumanos - defende um posicionamento para justificar seu direito sobre o território. Dentre os argumentos, se destacam os religiosos, que, na realidade, escondem interesses políticos e econômicos. Atualmente, o conflito envolvendo palestinos (maioria muçumana) e israelenses (predominantemente judaica) é o mais emblemático. Para explicar esta situação é importante esclarecer sobre sua origem.

Após a derrota final das cruzadas, em 1291, a Palestina permaneceu sob governo muçumano por mais de 600 anos. Seu fim ocorreu com a queda do Império Otomano em decorrência do término da Primeira Guerra Mundial, uma vez que o Império firmou uma aliança com os aliados da Alemanha, perdedores do confronto. Como decorrência dessa derrota, de 1917 até 1948, a Palestina permaneceu como uma colônia britânica. Enquanto os habitantes da região se mantinham fieis ao Islã, os colonizadores britânicos alimentavam um pensamento sionista judaico para a região.

Já o povo judeu vive disperso pelo mundo desde a Antigüidade, movimento conhecido como Diáspora. No final do século XIX e com diversos movimentos anti-semitas, sobretudo na Europa, começou a ser pensada a idéia do Sionismo. O Sionismo partiu do jornalista austríaco Theodore Herzl, que pregava “a emigração maciça dos judeus para a Palestina, a fim de criar um Estado Judeu” (AQUINO *et al*, 1999, p.558). Desde então, os judeus começaram a migrar para a região e ocupar as terras da Palestina, expulsando aos poucos os árabes, habitantes da região há séculos, e contribuindo para o agravamento dos conflitos já existentes.

Mas o fato que acentuou sensivelmente os conflitos da região foi a criação do estado de Israel, em 1948. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, centenas de judeus, sobretudo da Europa, se juntaram em um forte movimento para o retorno à “Terra Santa”. Diante do genocídio sofrido por esse povo durante a guerra e devido a grandes pressões internacionais, a Organização das Nações Unidas criou o Estado de Israel, em uma faixa de terra na região da Palestina. Centenas de judeus do mundo todo migraram para o estado recém criado. Assim, definitivamente, os árabes foram deslocados de seu território e começaram a viver como refugiados, já que os “judeus ocupavam mais de dois terços da Palestina e de Jerusalém”, com o apoio da ONU e de diversos países do Ocidente: aos 600 mil sionistas judeus foram entregues 54% dos territórios férteis da Palestina, deixando o restante para os 1,4 milhão de palestinos. (KROUB, 2006, p.30).

Diante da desigualdade vivenciada pelo povo palestino, diversos grupos extremistas surgiram ou se fortaleceram, como a *Irmandade Palestina*⁸, o *Jihad Islâmica*⁹ e o *Hamas*. Tais organizações se caracterizam como uma resistência palestina, e se utilizam muitas vezes de ações com armas como forma de resposta às ações israelenses.

2.1) Movimento de Resistência Islâmica (*Hamas*) – Homens e Máscaras

O *Hamas* surgiu alguns dias depois da primeira Intifada, uma revolta popular palestina contra a ocupação israelense, que eclodiu primeiro na Faixa de Gaza e depois na Cisjordânia. Antes do confronto, havia um grande debate entre os membros da *Irmandade Palestina* sobre os rumos que o movimento deveria tomar: uma facção defendia uma mudança na política em relação ao confronto contra a ocupação, defendendo a luta armada de fato; já a outra tendência acreditava que as gerações deveriam continuar a serem apenas preparadas para uma batalha que não possui previsão de término, mas que o início não deveria ser agora. Devido à difícil condição de vida na Faixa de Gaza, e ao sentimento de humilhação e a opressão pela ocupação israelense, o segundo grupo ganhou forças, originando assim, o *Hamas*.

O *Hamas* é um grupo fundamentalista islâmico, uma vez que defende que os preceitos do Alcorão¹⁰ sejam aplicados em “todos os campos da vida – no sagrado e no profano, na sociedade e na organização do Estado.” (BOFF, 2002, p.30). Essa idéia passou a existir oficialmente dia 14 de dezembro de 1987 e, seu principal fundador foi o Sheikh Ahmed Yassin, um professor que acreditava que os palestinos não poderiam recuperar sua terra se não restaurassem sua fé. Seu principal objetivo é unir os palestinos sob o islã e, depois, destituir o território do estado de Israel, possibilitando o retorno de diversos palestinos expulsos de suas terras:

⁸ A Irmandade palestina surgiu em 1928, no Egito, as vésperas do fim do Império Otomano. Como é o maior movimento islâmico, a Irmandade pode ser considerada a “mãe de todos os movimentos que abrangem a política islâmica” no Oriente Médio (com exceção do Irã). Suas ramificações se consolidaram em quase todos os países árabes, e além deles, unindo política e religião. Apesar da Irmandade ser uma organização pacífica, alguns dos movimentos mais radicais e violentos tiveram sua origem na organização, como o Hamas (HROUB, 2008, p. 31-35).

⁹ A **Jihad Islâmica** é um movimento estabelecido no início dos anos 1980. A Jihad Islâmica foi formada devido à insatisfação de antigos membros da Irmandade Mulçumana, do Fatah e de outras facções palestinas esquerdistas e nacionalistas. Inspirada pela vitória da Revolução Islâmica no Irã em 1978/79, a idéia do movimento era ligar o Islã e a Palestina, que estavam representados, de um lado, pela Irmandade Mulçumana e, de outro, pelo campo nacionalista (OLP). (HROUB, 2008, p.36)

¹⁰ Alcorão é o livro sagrado dos mulçumanos. Ele “é entendido como a revelação verbal e última dada por Deus, em árabe, ao seu povo. O livro é até mais importante que seu intermediário, Maomé. Divide-se em 114 capítulos (suras), constituindo duas grandes partes que correspondem às duas fases de atuação do profeta Maomé: a fase de Meca (anos 610 – 622) e a fase de Medina (622 – 632). A fase de Meca contém textos mais curtos e trata fundamentalmente da doutrina, do único Deus, da moral, do juízo, do inferno e do paraíso. Aqui se revela um grande respeito por Jesus e por Maria. Na fase de Medina, o Alcorão trata de orientações concretas do reto viver, de organização política e do sistema jurídico.” (BOFF, 2002, p. 28)

“Existem duas razões que impulsionam os palestinos a se juntarem ao *Hamas*: a disposição do povo em se engajar ativamente na ‘libertação da Palestina’ ao resistir à ocupação israelense, e tudo que isso possa requerer, e servir ao Islã e difundir sua palavra. A conjunção *e* é essencial nesta frase e não pode ser substituída pela conjunção alternativa *ou*, embora o equilíbrio entre as duas razões não tenha necessidade de equivalência ou similaridade em todos os casos. O *Hamas* entende que seu poder se encontra nesta associação, a fusão fortalecida dessas duas linhas independentes do ativismo político palestino: o movimento secular de libertação nacional que tem confrontado Israel e o movimento religioso islâmico que não participa desse confronto. O pensamento desejado é o de que, numa luta pela libertação da Palestina, o indivíduo está servindo ao Islã, e, no fortalecimento do chamado islâmico, esse indivíduo serve à luta pela libertação do território”. (HROUB, 2008, p.54)

Nessa delicada relação entre política, religião e luta pela libertação da Palestina dos judeus sionistas, o *Hamas* é uma organização que cresce significativamente, apesar de muitos de seus líderes já terem sido assassinados pelo governo de Israel. Dentre os membros do grupo há diversos representantes das mais variadas categorias profissionais e segmentos sociais.

O movimento atua em três áreas de ação: o militar, o político e o religioso. A religião pontua todos os códigos de atuação do grupo, regendo e conduzindo as atividades. A militar é a forma de ação mais polêmica da organização, principalmente os ataques suicidas, também conhecidos, sobretudo no Ocidente, como atentados com *homens-bomba*. A ação consiste em um membro do grupo da resistência palestina ir a uma determinada área israelense, ou em algum lugar com israelenses ou pessoas oriundas de Estados que defendam a política de Israel e acionar uma bomba presa a seu corpo matando o maior número de “inimigos” que conseguir:

“Os ataques suicidas do *Hamas* contra civis israelenses são justificados pelas declarações públicas feitas de vez em quando por seus membros, afirmando que esses ataques são ações recíprocas. Eles são promovidos, segundo o *Hamas*, em resposta à matança de civis palestinos por israelenses e só terão um fim imediato quando Israel declarar que irá parar de fazer o mesmo com os palestinos. O *Hamas* já fez propostas de negociação a fim de evitar a morte de civis de ambos os lados do alvo, mas deparou com a recusa categórica de Israel sobre essa questão, afirmando que ‘não negocia com terroristas.’” (HROUB, 2008, p.83)

Apesar das ações militares do movimento serem as mais conhecidas no Ocidente e comentadas, o segmento que mais cresce é o político. Nas eleições de 2006, o *Hamas*, enquanto força política, venceu as eleições democráticas no Conselho Legislativo Palestino da limitada Autoridade Palestina na Cisjordânia e na Faixa de Gaza, ocupando 76 das 132 cadeiras do parlamento.

A organização garante que sua revolta é apenas contra os sionistas e o Estado de Israel. Apesar de muitos defensores de Israel divulgarem que o *Hamas* é uma organização anti-semita, Hroub (2008, p.59) acredita que este “termo é extremamente problemático quando empregado para descrever a

percepção palestina ou árabe quanto aos judeus e ao judaísmo, pois os palestinos e árabes são semitas”. O autor ainda esclarece que:

“Embora, nos primeiros anos de sua existência, o *Hamas* tenha se esforçado pouco para diferenciar o judaísmo como uma religião e o sionismo como um movimento político, posteriormente e nos últimos anos, o grupo tem deixado totalmente claro seu pensamento sobre essa questão. O *Hamas* é anti-sionista, e não antijudaico”. (HROUB, 2008, p.61)

Muitos elementos em relação ao *Hamas* são apresentados, sobretudo pela mídia ocidental. Alguns condizem com a realidade, mas muitos outros estão carregados de estereótipos que não correspondem à verdade. A necessidade de se conhecer esse importante ator no conflito do Oriente Médio propicia um maior entendimento e compreensão dos elementos que completam esse quebra-cabeça de tantos interesses, verdades e mentiras.

2.2) Mídia, Conflito e o *Hamas*

Há muitos interesses responsáveis pelo conflito entre palestinos e israelenses, não apenas as questões religiosas. Dessa forma, apesar de não estarem diretamente envolvidos, diversos países, sobretudo Ocidentais, tendem a se manifestarem escolhendo posições e atribuindo estereótipos aos povos envolvidos no confronto.

O estereótipo, ou seja, “um modo de conhecimento e uma forma de identificação social, oscilando entre aquilo que já é conhecido e aquilo que será dado a conhecer” (LYSARDO-DIAS, 2006, p.27), construído em relação aos palestinos, sobretudo os membros do *Hamas*, como sendo seres perigosos, que o ódio e a violência impulsionam suas atitudes. Com este pensamento pouco espaço se abre para se questionar o que acontece realmente, o que na realidade impulsiona as atitudes violentas.

O estereótipo também pode ser entendido como uma construção social fixa da identidade (LYSARDO-DIAS, 2006), e dessa maneira, a personagem não é reconhecida por sua própria identidade, a de um ser humano complexo, dotado de defeitos, qualidade, personalidade, vontades, etc, mas somente por aquela imagem construída socialmente a partir destas idéias fixas e cristalizadas.

A identidade é fragmentada, não fixa, essencial ou permanente, ela é uma celebração móvel, construída socialmente e historicamente. O sujeito assume diversas identidades em diferentes momentos, constituindo identidades não unificadas e um “eu”, muitas vezes, não coerente (HALL, 2004). Não podendo assim, ser tachado de forma estereotipada a uma identidade fixa.

A mídia assume esse decisivo papel em consolidar ou construir imagens. Apesar de não ser de maneira tão radical como a idéia de *Grande Irmão* proposta por George Orwell em seu clássico livro *1984*, no qual a sociedade é sempre vigiada e as informações e os pensamentos são construídos e difundidos a partir dos interesses do Estado. Mas, o que se percebe é difusão selecionada e repetitiva de idéias com o intuito de formar identidades estereotipadas, difíceis de serem refletidas ou modificadas, a não ser, como Orwell apresenta em seu livro, outras idéias venham substituir as antigas, da mesma maneira: selecionada e repetitiva.

A identidade é algo muito mais complexo e mutável, e está muito relacionada à memória, ao se saber quem é, quem foi, para assim, seguir rumo a construção do futuro. Assim, a memória passa a ser algo muito maior que apenas o relembrar de fatos do passado, ela é também construída, quando se romantiza o passado. Essa recriação das lembranças pode ser encarada como uma forma de fuga e preservação, já que o presente é muito ruim, para assim, se poder projetar um possível futuro melhor, a semelhança do passado feliz imaginado. Para Enne (2004):

“Na perda dos paradigmas da antiga ordem, novos medos se desenham, como a preocupação em não se perder os aromas e sabores da sua ‘própria’ história e memória. Em um mundo de sentidos múltiplos, também se multiplicam as possibilidades de construção de *memórias* sociais. Por isso, ancorá-las em registros do passado local também funciona como alicerce para a manutenção de *identidades* onde essas se apresentem como ameaçadas pela desconstrução” (ENNE, 2004, p 06)

Os palestinos, se vendo destituídos de suas terras e percebendo a perda da sua força após a criação do Estado de Israel, passaram a romantizar seu passado, de como tudo era bom, próspero e feliz antes da entrada do “invasor” Israel. Dessa forma, a luta existe, para que esse passado seja possível num futuro e, a luta é apresentada como necessária.

Porém, essas ponderações muitas vezes não são levadas em consideração pelos meios de comunicação de massa, que se limitam em consolidar os estereótipos. O Ocidente, de modo geral, defende o lado de Israel no conflito contra os palestinos. Inclusive, diversos países do Ocidente, como os EUA, contribuem financiando o Estado de Israel e, a mídia segue esses ideais, proclamando os aspectos depreciativos sobre a cultura islâmica, como defende Santos:

“A mídia, como espelho da lógica da sociedade ocidental, reflete seus pensamentos e interesses. Porém, faz isso de forma irresponsável, visto que, além de ferir o princípio da busca pela imparcialidade jornalística, relatam conteúdos desrespeitosos sobre a cultura islâmica, munindo-se principalmente, do sensacionalismo tendencioso como mecanismo para inferiorizá-los”. (SANTOS, 2009,p.02)

O Islã assume um estereótipo de religião fundamentalista e intolerante e seus seguidores de fanáticos e terroristas. Assim, esse povo é inferiorizado, e o lado contrário, ou seja, os israelenses assumem a imagem de “mocinhos”. O *Hamas* e os outros grupos de resistência palestina passam a ser vistos pelo Ocidente como perigosos. Perigo este que pode afetar inclusive as mais ermas localidades do planeta. A construção dessa idéia nem sempre corresponde com a realidade, como assinala Arbex Jr.:

“Qualquer pessoa medianamente bem informada sobre os conflitos na Palestina ‘sabe’ que o *Hamas* promove ‘atentados terroristas’, recruta jovens suicidas para os atentados a bomba, é extremista e não aceita o diálogo democrático. Certo? Errado. Primeiro, porque o *Hamas* não é um bloco monolítico: existem muitas facções no seu interior, incluindo aquelas que apóiam a luta armada, segundo, porque o *Hamas* tem uma origem popular e democrática: nasceu dos comitês populares que se formaram na Palestina como medida de autodefesa, e promoviam (como ainda promovem) um amplo trabalho médico, sanitário e social. Terceiro, porque a ‘ala radical’ do *Hamas* tem como principal interlocutor os setores mais extremistas de Israel.” (ARBEX Jr, 2003, p.104).

Para se entender um pouco como é dada a formulação e divulgação de informações sobre o *Hamas*, assim como todos os outros opositores de Israel é importante ser levada em consideração a situação da mídia israelense e a sua ligação com os setores militares. Segundo Sérgio Yahní, um judeu israelense e membro do Centro Alternativo de Informação¹¹, o correspondente internacional que publica algo que desagrada o governo, em alguns casos, não recebe mais informações oficiais, em outros casos, pode perder sua carteira oficial de imprensa. Sem o documento, o profissional é impedido de entrar em qualquer sala oficial ou conversar com algum funcionário oficial do exército, além de não poder entrar em territórios ocupados. Os jornalistas que possuem a carteira recebem as informações através do serviço de imprensa da polícia e do exército, porém elas não podem ser checadas. (YAHNI *apud* ARBEX Jr, 2003, p. 92-93).

Outro aspecto bastante polêmico da mídia israelense é o monopólio: três famílias mandam na mídia de Israel. A família Nimrod, ligada a traficantes de armas, possui o jornal diário *Maariv*. Os recursos para manutenção do diário são oriundos da máfia russa. O filho de Nimrod está preso por tentar assassinar o dono de outro diário do país, *Haaretz*. O *Haaretz* é o jornal mais liberal dentro da política israelense. Costuma publicar grandes fotos e textos curtos. Esse grupo encontrou dificuldades financeiras e 30% de seus bens foram vendidos ao terceiro jornal, o *Yediot Aharot*, do grupo mais poderoso economicamente. “Nenhum dos três grupos realmente dá à população israelense informações sobre a população israelense”. (Id, 2003, p.91).

¹¹ O Centro Alternativo de Informação é uma entidade criada em 1984 por israelenses e palestinos, com o objetivo de divulgar entre as duas comunidades informações que normalmente não serão encontradas nos meios de comunicação de massa. (ARBEX Jr., 2003, p. 87)

A mídia palestina também possui limitações quanto ao conteúdo divulgado pelos meios de comunicação e à liberdade de expressão. Como principais veículos podem ser destacados: o jornal *Al-Qds Al-Arabi*, que é o de maior circulação entre os palestinos e se classifica como independente. O diário governista *Al Ayyam*, editado em Ramallah. O *Al-Hayat Al-Jadida* é o jornal oficial da Autoridade Palestina. Há também a agência de notícias *Ma'am*, que edita um site com textos em árabe e em inglês e se intitula como sendo um espaço independente na cobertura jornalística. Porém, segundo o documento “Guerra de Palavras” publicado em 2001¹² pela ONG Grupo Palestino de Monitoramento dos Direitos Humanos¹³, não há jornalismo investigativo na mídia palestina, o que se vê é um setor informativo das tendências políticas. O documento conclui afirmando que: “A mídia poderia ser uma ferramenta poderosa para pôr fim ao círculo vicioso de violência, desde que estivesse comprometida com a apuração dos fatos e que enxergasse o ‘inimigo’ como um ser humano”.

Diante dessa situação, é difícil que a informação jornalística responsável e verídica chegue à população, seja ela israelense, palestina ou ocidental. Quando se tem conhecimento dos boicotes e das violentas represalhas que o exército israelense impõe aos jornalistas ou a pouca informação difundida pelos meios de comunicação palestinos, é complicado acreditar nas informações difundidas pelos meios de comunicação de massa relacionados a esse assunto.

As informações que chegam acabam sendo aquelas que corroboram com os interesses israelenses, ou seja, defendendo as suas ações e taxando os seus adversários como extremistas e terroristas. O islã passou a ser visto no Ocidente como a religião fundamentalista. O jornalista Carlos Dorneles declara que:

“O slogan de Goebbels, ministro da Informação no regime nazista, parece continuar atual: ‘É mais fácil distorcer a imagem daquilo que desconhecemos’. A regra foi seguida à risca em todos os momentos em que se discutiu a fé mulçumana depois dos atentados de 11 de setembro. A intolerância às diferenças foi a rotina, junto com o esquecimento de que fundamentalismo existe em todas as religiões”. (DORNELES, 2002, p. 219)

O indivíduo de uma cultura diferente da qual se está inserido, ou seja, o outro, no caso a fé mulçumana, é taxado por um estereótipo que é legitimado pelos meios de comunicação de massa. O Estado de Israel assumiu a identidade de ser um “pedaço do ocidente no oriente”, ou seja, apesar de

¹² Após uma ampla pesquisa pela internet foi constatado que não há textos em português, francês, espanhol ou inglês recentes que discutam e avaliem a situação da mídia na Palestina. As únicas informações encontradas se referem a conceitos gerais, como que jornais são governistas e os que se julgam independentes. (Nota da autora)

¹³ O Grupo Palestino de Monitoramento dos Direitos Humanos é uma Organização Não- Governamental que monitora e divulga os atos de violação aos Direitos Humanos por parte da Autoridade Palestina nos territórios da Faixa de Gaza, Cisjordânia e o Leste de Jerusalém. (Disponível em <<http://www.phrmg.org/profile.htm>> Acesso em 21/10/2009)

estar localizado no Oriente Médio, sua estrutura social e seu pensamento são mais próximos do ocidental. Dessa forma, Israel é apresentado como *um semelhante* para o Ocidente e os palestinos, como *os exóticos*, e concordando com Goebbels, “É mais fácil distorcer a imagem daquilo que desconhecemos”. Para Said, o conceito de Oriente e Ocidente é algo construído pelo esforço humano:

“(…) enfatizo que nem o termo ‘Oriente’ nem o conceito de ‘Ocidente’ têm estabilidade ontológica; ambos são constituídos de esforço humano – parte afirmação, parte identificação com o Outro. O fato de que essas rematadas ficções se prestem facilmente à manipulação e à organização das paixões coletivas nunca foi mais evidente do que em nosso tempo, quando a mobilização do medo, do ódio e do asco, bem como de presunção e da arrogância ressurgentes – boa parte disso relacionado ao islã e aos árabes de um lado, e a ‘nós’, os ocidentais, do outro -, é um empreendimento em escala ampla”. (SAID, 2007, p.13)

Essa construção é pautada pelos meios de comunicação de massa, que, muitas vezes, acabam por solidificar essa idéia estereotipada, apresentando os palestinos como seres diferentes, com uma conduta peculiar. Tal abordagem contribui para o acirramento de sentimentos xenofóbicos e a consolidação de uma imagem deturpada de uma cultura tão diferente da Ocidental.

Assim, os meios de comunicação alternativos são aqueles que apresentam os fatos de maneira mais crível e proporcionam uma outra abordagem, na qual se ouve o outro lado do conflito, do diferente, daquele que muitas vezes é taxado de “vilão”. Esses meios possibilitam conhecer o outro lado da história e pensar se o que se assiste, lê ou ouve é coerente ou não.

Capítulo 03 – Análise do Discurso no documentário *Hamas: por trás da máscara*

Os processos sociais e as relações humanas estão conectados a partir da linguagem. É ela que faz com que o ser humano interaja com seus semelhantes e com o mundo que o cerca. A partir das diversas formas de linguagem, o homem imprime em seu dizer não só os elementos verbais/textuais, mas uma forte carga ideológica e as impressões de seu contexto sócio-cultural a partir de um discurso.

Neste sentido, a Análise do Discurso (AD) é uma prática, ligada à lingüística, que se propõe a analisar a linguagem como um todo, não se limitando a uma interpretação de textos. Apesar de ligada à lingüística, a AD é uma área multidisciplinar, ligada a diversas áreas do conhecimento, como demarca Fairclough:

“Embora uma experiência prévia em lingüística, em princípio, possa ser pré-requisito para fazer análise do discurso, na verdade a análise de discurso é uma atividade multidisciplinar e não se pode exigir uma grande experiência lingüística prévia de seus praticantes, do mesmo modo que não se pode exigir experiência prévia em sociologia, psicologia ou política” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 102)

O processo de análise do documentário *Hamas: por trás da máscara* teve o respaldo metodológico no modelo de Norman Fairclough. Dentre os pesquisadores da AD, ele propõe um estudo, conhecido como análise crítica do discurso, que se baseia nas relações de poder e ideologia e os efeitos que constituem o discurso na construção das identidades sociais, das relações sociais e dos sistemas de conhecimento e crença. Para ele, o discurso é o responsável por essa construção da identidade que constitui a sociedade e, além disso:

“[...] contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, construindo o mundo em significados” (FAIRCLOUGH, 2008, p.91)

Fairclough propõe o estudo do discurso estipulado num modelo tridimensional de análise, distinguindo as dimensões do discurso em: texto, prática discursiva e prática social, conforme ilustra a figura abaixo:



Figura 1 – Concepção Tridimensional do Discurso

Fonte: FAIRCLOUGH, 2001, p.101

A dimensão 'texto' abrange a análise lingüística de textos: que discurso está presente em forma de texto, o que ele reproduz. O trabalho analítico do documentário se baseou na tradição macrossociológica, na qual são ressaltados os aspectos concernentes às estruturas sociais, às marcas sociais na construção da identidade, das relações e do sistema de crenças apresentadas no texto, e não abordando de maneira mais enfática os aspectos lingüísticos.

A prática discursiva pode ser identificada como os processos de produção, distribuição e consumo do texto. Como produtor do texto, pode-se classificar um conjunto de posições assumidas: o 'animador', aquele que realiza as marcas no papel ou emite os sons; o 'autor(a)', sendo o responsável por reunir as palavras e é responsável pelo texto e o 'principal', o responsável pelas palavras.

A distribuição também pode ocorrer de diversas maneiras: seja a partir de uma conversa interpessoal, quando a troca acontece de maneira imediata, ou demandando uma grande negociação, como no caso de peças teatrais ou produções cinematográficas.

O consumo também ocorre diferentemente em contextos sociais diversos. Principalmente, porque depende de que maneira ocorrerá a interpretação, o trabalho interpretativo que cada receptor desempenha para consumir determinado texto. Também é possível afirmar que assim como a produção, o consumo pode ser individual ou coletivo.

Assim, a prática discursiva vai depender de que maneira esse texto foi feito, para quem, por quem, como ele foi produzido e veiculado. Para esse processo deve-se levar em consideração toda natureza econômica, política e social na qual o texto é transmitido, dependendo do seu tipo de discurso. Sendo assim, a prática discursiva é a mediadora da prática social.

A análise da prática social deve avaliar os aspectos ideológicos e hegemônicos da prática discursiva na qual o texto foi produzido: a que interesses estão conectados, qual contexto sócio-histórico produtores e receptores estão inseridos. Como ideologia é possível fazer três asserções:

“Primeiro, a asserção de que ela tem existência material nas práticas discursivas como formas materiais de ideologia. Segundo, a asserção de que a ideologia ‘interpela os sujeitos’, que conduz à concepção de que um dos mais significativos ‘efeitos ideológicos’ que os lingüistas ignoram no discurso é a constituição dos sujeitos. Terceiro, a asserção de que os ‘aparelhos ideológicos de estado’ são ambos locais e marcos delimitadores na luta de classe, que apontam para a luta no discurso e subjacente a ele como foco para uma análise de discurso orientada ideologicamente”. (FAIRCLOUGH, 2008, p.117)

Assim, as ideologias são significações/construções da realidade, constituída de várias dimensões que formam as práticas discursivas. As práticas discursivas carregadas das marcas ideológicas contribuem para a produção, reprodução ou a transformação das relações de dominação. Tais práticas assumem esse caráter poderoso para disseminar idéias e as tornarem naturais, atingindo o *status* de ‘senso comum’. Por outro lado, é por elas também que é possível uma transformação, ou seja, se contribuem para a cristalização de ideologias, por elas também pode haver contestações e debates, podendo resultar em mudanças sociais, revertendo um quadro de dominação: “quando são encontradas práticas discursivas contrastantes em um domínio particular ou instituição, há probabilidade de que parte desse contraste seja ideológica” (FAIRCLOUGH, 2008, p.117).

Para se tentar estudar e lutar por uma mudança social é necessário se entender seu principal empecilho e contraponto: os aspectos hegemônicos que consolidam determinada ideologia. A hegemonia é apontada como:

“[...] liderança tanto quanto dominação nos domínios econômicos, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um ‘equilíbrio instável’. Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento. Hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas. A luta hegemônica localiza-se em uma frente ampla, que inclui as instituições da sociedade civil (educação, sindicatos, família), com possível desigualdade entre diferentes níveis e domínios”. (FAIRCLOUGH, 2008, p.122)

Pelo discurso é possível contribuir para a manutenção ou dispersão do caráter hegemônico. Da mesma maneira que um texto pode consolidar, pode dissolver e contribuir para a modificação do estereótipo acerca de determinados temas.

Os meios de comunicação de massa muitas vezes agem como os legitimadores do pensamento hegemônico, atendendo aos interesses da classe dominante. Diante dessa prática social, busca-se um

contraponto, há a necessidade de se ter meios cujas práticas discursivas apresentem em seus textos pensamentos diversos que contribuam para a construção de saberes.

Diante dessa necessidade, é importante destacar os meios de comunicação alternativos que se propõe a atuar como difusores de outras idéias e gerar debates sobre os temas apresentados de maneira estereotipada, para que os receptores possam formular idéias, construir identidades a partir de vários discursos.

3.1) O Documentário *Hamas: por trás da máscara*

O documentário *Hamas: por trás da máscara* é uma produção canadense de 2005 e foi dirigido pela cineasta Shelley Saywell. O filme se apresenta como “*uma jornada dentro do Hamas e sua transformação no decorrer do tempo e como ele se tornou uma força política com muito mais influência do que uma arma*”. Ou seja, busca expressar a força e a influência do grupo, e inclusive defende o aspecto não violento, destacando sua força política. Ao mesmo tempo, o filme classifica o *Hamas* como sendo o mais secreto e controverso grupo de defesa dos direitos palestinos. Sua área de atuação é a Faixa de Gaza e a Cisjordânia, sendo Gaza seu “verdadeiro lar”. A Faixa de Gaza é retratada como uma região ocupada há mais de quatro décadas pelos Israelenses e “*arrasada por uma liderança palestina corrupta é um terreno fértil para o desespero e recrutadas*”.

Ao longo dos 50 minutos, a cineasta entrevista palestinos, israelenses, membros do *Hamas*, autoridades de ambos os lados do conflito e pesquisadores. O documentário busca apresentar um outro lado dos integrantes do movimento, que as máscaras são apenas utilizadas para ações militares, fora isso, todos possuem vidas normais, havendo no grupo médicos, estudantes, professores, operários, etc. O documentário também procura evidenciar o apoio popular que o grupo conquistou, aumentando a cada dia o número de seus seguidores.

O filme foi produzido pela Bishari Film Productions Inc¹⁴. em associação à Canadian Broadcasting Corporation (CBS). A equipe do filme foi formada por Saywell e mais dois produtores que buscaram por muitos meses um acesso para entrevistas com os principais líderes do *Hamas* e autoridades israelenses e palestinas com credibilidade e conhecimento sobre os conflitos da região.

¹⁴ “Bishari Film Productions Inc. is based in Toronto, Canada. Bishari was incorporated in 1987 to produce documentary films, and named after a nomadic tribe in the Eastern Sahara, the subject of “*Shahira*” our first film. President and sole shareholder is documentary filmmaker Shelley Saywell. She works with a small team of colleagues, including co-producer Deborah Parks, editor Deborah Palloway, cinematographer Michael Grippo, csc, and sound recordist Peter Sawade. Together they have made 16 documentary films. Bishari Film Productions Inc. is dedicated to stories that focus on human rights and global issues. From *Kim’s Story* which documents the journey of the famous “napalm girl” in Vietnam, to *Crimes of Honour* which investigates femicide, we have chosen stories that illuminate the human condition, and hopefully inspire change”. (http://www.bisharifilms.com/bishari_background.html)

Uma contribuição importante para a realização do documentário foi a presença de Olívia Ward, jornalista canadense e profunda conhecedora dos assuntos que permeiam o conflito do Oriente Médio.

Os trabalhos de Shelley Saywell são focados em retratar problemas sociais. Já foi vencedora de diversos prêmios internacionais, como o Emmy e Academy Award de melhor curta metragem. Ela também foi agraciada pela UNESCO com a medalha Gandhi Silver Medal por promover a cultura da paz.

O filme estudado não foi lançado em DVD no Brasil, mas foi exibido pelos canais de televisão a cabo HBO e Cinemax, além do circuito alternativo de cineclubes e está disponível em sites.

3.2) A Identidade por trás da máscara

Conforme as proposições da análise crítica do discurso, podemos dizer que a partir do discurso do documentário há a construção da identidade dos membros do grupo. Para a construção identitária, são apresentadas características fundamentais e expressos os discursos dos envolvidos no conflito, pois a função identitária no discurso: “[...] relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso” (FAIRCLOUGH, 2008, p.92).

Para facilitar a exposição das análises, apresentaremos nossas observações em categorias. Essas categorias foram formadas a partir dos dados que a análise do discurso do documentário nos revelou. Assim, será possível identificar a construção da identidade dos membros do *Hamas* a partir da prática discursiva do filme.

***Hamas* como fenômeno social**

O documentário *Hamas: por trás da máscara* se propõe a apresentar os membros do grupo, sobretudo em responder aos questionamentos: “*quem são as pessoas por trás da máscara? E de onde elas vêm? O que este crescimento fenomenal do movimento significará no futuro?*” O narrador também acrescenta que descobrir tais respostas não será fácil, pois “*anos de aprisionamento, tanto pelas autoridades palestina e israelense, os levou a ser a sociedade secreta definitiva*” (SAYWELL,2005).

O motivo para que a identidade de integrantes do braço militar do grupo seja mantida em segredo, além da localização de seus líderes, é que diversos membros do movimento já foram assassinados, sobretudo pelo serviço secreto israelense, o *Mossad*. Porém, de acordo com o filme, o que se observa é que mesmo com essas diversas mortes, o grupo vem crescendo e ganhando novos seguidores. Diante dessa informação, a idéia que se pretende transmitir é a força da luta desse povo, que mesmo tendo seus líderes assassinados, continua resistindo e defendendo sua causa, como

defende o texto apresentado pelo narrador: “*Eles são alvejados e atacados e seu movimento continua crescendo. E agora se torna uma importante força política*” (SAYWELL, 2005).

O grupo é apresentado como um fenômeno social controverso, pois ao mesmo tempo em que utiliza métodos violentos pela *jihad*, pratica obras de caridade, como a manutenção de creches, orfanatos, escolas e universidades e desponta como a principal força política da região.

Diante da situação de miséria e perda de territórios, o *Hamas* surge para o povo palestino como “*a voz definitiva*” de atuação na Faixa de Gaza e na Cisjordânia, mas tendo em Gaza seu “*verdadeiro lar*”. Após mais de 40 anos da criação do estado de Israel e “*arrasada por uma liderança palestina corrupta, é um terreno fértil para desespero e recrutamento*” (SAYWELL, 2005). Assim, o fenômeno encontra adeptos e cresce ganhando seguidores e simpatizantes por toda Palestina.

De acordo com o documentário, o *Hamas* assumiu a identidade de defensor do povo palestino diante da ocupação israelense. Apesar das atitudes violentas, o grupo ganha simpatia popular e ultrapassa a fronteira de ser apenas um grupo de resistência adquirindo outros papéis decisivos no confronto da região, como sua atuação política. Assim, é possível identificá-lo como um fenômeno social, que mudou a perspectiva do conflito, uma vez que as respostas palestinas se tornaram mais devastadoras.

***Hamas* como organização terrorista**

O *Hamas* é intitulado comumente como uma organização terrorista por diversos países ocidentais, como os EUA, Canadá, Japão e Israel. No decorrer do documentário são apresentadas as opiniões do diretor da Agência de Segurança de Israel Ami Ayalon; do Tenente Coronel Yohanan Tzoref, Especialista em Contra-Terrorismo de Israel; do psiquiatra palestino Eyad al-Sarraj, da líder feminista palestina Lama Hourani e do membro do Instituto de Pensamento Político Islâmico Dr. Azzam Tamimi, que sugerem como enquadrar o grupo.

Em seu depoimento, a pesquisadora feminista palestina Lama Hourani expressa sua opinião sobre o *Hamas*: “*Eu não concordo com o que eles [Hamas] fazem. Eles fazem atos terroristas. Eles usam algumas vezes métodos terroristas, mas não os considero uma organização terrorista*” (HOURANI *apud* SAYWELL, 2005).

Já os entrevistados israelenses possuem outra visão do grupo, a de organização terrorista, como acredita Ami Ayalon que eles (povo israelense) vêem o *Hamas* como um grupo terrorista sim, e consideram que têm todo o direito de pensar assim, pois o grupo está matando as pessoas de seu país pelas ruas.

De forma mais ponderada, o psiquiatra palestino Eyad AL-Sarraj defende que entender o *Hamas* como uma organização terrorista ou não, depende do ponto de vista: “*Se você vir do lado israelense*

vai achar que o Hamas é terrorista, se você olhar do lado palestino vai ver Sharon¹⁵ como terrorista” (SARRAJ *apud* SAYWELL, 2005).

Diante desses depoimentos são observadas opiniões que contribuem para a construção da identidade do grupo, uma vez que são transmitidas as relações sociais que cada uma das personagens acredita.

Quando são mostradas as cenas de violência proporcionadas pelos ataques “terroristas” são apresentados também elementos que constroem a idéia de que a violência é uma opção de um povo sofrido de enfrentar a miséria e encarar a resistência.

A partir da organização das cenas é possível perceber que a idéia de grupo terrorista não é consolidada. O *Hamas* aparece como um grupo de resistência, que utiliza ações violentas, mas possui como identidade a defesa dos interesses palestinos.

***Hamas* como vítima da Ocupação Israelense**

O principal motivo pelo surgimento do *Hamas* foi para formar uma frente de resistência à ocupação israelense do território palestino. O movimento surgiu em 1987 durante a primeira Intifada e tem como seu fundamento “Destruir o estado de Israel pela *jihad* ”. Desde a sua fundação, o movimento já assumiu a morte de mais de 400 israelenses, entre militares e civis.

O discurso dos membros do movimento entrevistados revela que os principais líderes do movimento estão escondidos, pois o “inimigo” (Israel) utiliza diversos mecanismos para cometer assassinatos. Só no ano de 2005, mais de 20 líderes do grupo foram mortos pelo *Mossad* como afirma um *mujahideen* (participante da *jihad*) que não se apresenta, nem mostra seu rosto:

“O movimento dos *mujahideen* é restrito, porque o inimigo possui muitos meios, especialmente no monitoramento de comunicações e localiza os *mujahideen* (...). Eles [israelenses] nunca param seus crimes. Há muita ameaça pelos líderes do exército Sionista para continuar os assassinatos e ataques em Gaza. Por isso a situação de segurança tem sido tensa”. (*apud* SAYWELL, 2005)

A partir dessas informações e da ênfase que é dada a elas no filme, podemos dizer que o *Hamas* é apresentado como uma forma de resistência ao poder bélico israelense. Apesar de haver depoimentos de ambos os lados do conflito, o discurso do filme sugere a idéia da ocupação de Israel como o responsável pela violência na região e as ações do Movimento como resposta para que as ocupações na Palestina cessem, como acredita o líder do *Hamas* e físico Khaled Mushal: “*Nós queremos dizer*

¹⁵ **Ariel Sharon** foi um estadista e militar de Israel, com ação polêmica na Guerra do Líbano na década de 1980. Foi primeiro-ministro de Israel entre 2001 e 2006, é membro fundador do partido Likud e fundador do partido Kadima. Está em estado vegetativo desde 2006, após um AVC. (disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/foha/mundo/ult94u399249.shtml>>)

com essas ocupações: *‘Israel escolha entre os dois. Se você quer segurança, acabe com a ocupação. Mas se você insistir na ocupação, você não terá segurança’*. Israel não pode ocupar a terra e ter segurança. Essa é a mensagem” (MUSHAL apud SAYWELL, 2005).

Mesmo nas afirmações dos israelenses entrevistado, essa idéia é reafirmada, um exemplo é o depoimento do tenente coronel Yohanan Tzoref que afirma a todo momento que as ações do *Hamas* não passam de ações de vingança, sejam elas pelas ocupações, seja pelo poder bélico nas ações contra os palestinos.

A mensagem que o filme procura transmitir é que a violência na região é responsabilidade da ocupação israelense, e, no dia que elas cessarem, o conflito também tende a acabar.

Hamas como Homens-Bomba

O principal motivo pelo qual o *Hamas* adquiriu o estereótipo de grupo terrorista é devido às operações suicidas, os “homens bomba”. Este é um aspecto muito polêmico do movimento. No entanto, no documentário, há depoimentos de mães de mártires que se dizem felizes por saberem que seus filhos se sacrificaram pelo bem coletivo, e que serão recompensados por Alah.

Dessa maneira, há uma amenização do drama vivido em se perder um filho de maneira tão violenta, apresentando os argumentos que essas mães acreditam e são base para seu consolo. Logo, ser um homem-bomba pode ser considerado como motivo de orgulho para essas famílias. Essa discussão apaixonada revela uma lógica: perder o filho para ganhar o paraíso, pois “a lógica das paixões é uma lógica de conseqüências, regida pelo princípio de finalidade, já que se ergue sobre a proposta de realização de um objetivo” (ALVES, 2007, p. 67).

Os ataques suicidas são organizados por uma facção do grupo denominada Brigada Al-Qassam, e segundo um *mujahideen* entrevistado: “*são as Brigadas de Al-Qassam que selecionam os mujahideen. Os membros não se associam por registro ou qualquer coisa*”. Assim, fica mais evidente a distinção entre os setores de ação, e a opção da informação ser dada por um membro da brigada legitima a informação.

A forma de seleção dos *mujahideen* pela Brigada Al-Qassam não é apresentada pelo filme, o que pode reafirmar uma identidade do grupo: o caráter secreto das operações militares.

O filme apresenta justificativas de líderes do movimento para essas práticas como a do médico Mahmoud Al-Zahar. Ao ser questionado pela cineasta que “*não importa o quão justa é a causa palestina*”, mas como um homem religioso como ele defende os ataques suicidas responsáveis pela morte de centenas de civis, incluindo crianças, o líder do *Hamas* responde que:

“(…) se você olhar com um olho, eu aceito seu argumento. Mas se você for usar seus dois olhos, você tem de ver nossa condição miserável. Quantas crianças foram mortas na última Intifada? Um terço dos palestinos mortos são crianças. E dissemos aos israelenses muitas vezes: Parem de matar nossos civis que paramos de matar os seus”. (ZAHAR *apud* SAYWELL, 2005)

Por meio desse depoimento o documentário constrói a idéia de que diante das poucas alternativas de luta, a violência é a única que o *Hamas* acredita ser eficaz diante da opressão sofrida. Outra explicação que confirma essa idéia é a apresentada pelo físico Khaled Mushal, outro líder do *Hamas* que defende: “*Nós sabemos que muitos simpatizantes pelo mundo não entendem os motivos das missões de mártir, o que pode nos levar a perder sua compaixão. Mas nos perguntamos: ‘Qual é a alternativa?’*”.(MUSHAL *apud* SAYWELL, 2005).

Após esses relatos, há um esclarecimento de um ponto polêmico do conflito – a morte de civis – e é possível entender a explicação do lado do *Hamas*, além de se deixar evidenciada a responsabilidade israelense pela morte de civis. Essas informações contribuem para a desconstrução do estereótipo de que os homens-bomba são apenas demonstrações de violência, e a construção da identidade de ações que possuem um motivo, que as operações suicidas possuem explicações e justificativas. O documentário apresenta, com base nos depoimentos já citados, essa construção identitária.

***Hamas* como Partido Político**

O setor político do *Hamas* é apresentado como sendo o “nervo central da organização”, e seus membros circulam entre as capitais árabes, usando essa estratégia para se defender das ações do *Mossad*. As entrevistas com os líderes da organização apresentam características psicossociais marcantes, principalmente de homens fortes, serenos e certos daquilo que é motivo de luta para eles. Dessa forma, a imagem de homens maus e perigosos é desconstruída. As emoções se inscrevem dentro de uma problemática das representações psicossociais, como define Alves:

“Uma vez que elas são definidas como estados mentais intencionais que se apóiam sobre crenças, a questão da representação também está implicada. Pois a consciência psíquica do sujeito é construída a partir de sua experiência intelectual e afetiva, por meio das trocas sociais das quais ele é participante. Dessa relação entre indivíduo e mundo, surgem as representações que, ao mesmo tempo em que são criadas pelo sujeito, acabam por constituí-lo enquanto ser social e individual” (ALVES, 2007, p. 65)

O filme constrói a identidade que o novo *Hamas* surge como uma força política, que a vitória expressiva do grupo nas últimas eleições, tanto municipais quanto para o conselho legislativo palestino, reflete a crença e a esperança que o povo deposita no grupo. A idéia de corrupção das autoridades palestinas anteriores reforça a idéia de uma opção possível para a luta pela criação de um

estado independente, como acredita um dos principais líderes do movimento, o médico Mahmoud Al-Zahar: “*Nós estamos agora procurando montar um estado independente, um estado purificado, em cada canto da palestina. Mas isso não significa que nossos netos terão atingido esse objetivo*” (ZAHAR *apud* SAYWELL, 2005).

Os relatos refletem que o grupo não mudou sua identidade enquanto movimento de resistência, que a idéia de destituir o Estado de Israel persiste, mas a atuação também será realizada no campo político, elegendo membros para cargos do executivo e do legislativo.

Hamis como Fundamentalista

Todas as ações do *Hamis* são regidas pelo Alcorão, o livro sagrado do Islã, e a meta de suas ações é “*erguer a bandeira do Islã em cada canto da Palestina*”. A luta, além de territorial também apresenta fortes justificativas religiosas. O Dr. Mahmoud Al-Zahar acredita que as pessoas sacrificam suas vidas por Alah e expressa a sua crença e fé no Islã:

“Nós [*Hamis*] estamos profundamente comprometidos com o Islã. Nós acreditamos que no Islã está o remédio para tudo, inclusive todas as condições difíceis que você descreve. Como pessoa, como família, como organização e como nação. Acredite em mim, nós não temos medo, tomamos muitas precauções, mas não temos medo. Se temos medo, não fazemos nada” (ZAHAR *apud* SAYWELL, 2005)

A luta por Deus aparece como a grande impulsionadora dos atos além de ser pela crença Nele que a luta continua, apesar de todo o sofrimento, como acredita Dr. Evad al-Sarrai. Em uma pesquisa realizada pelo médico e sua equipe, foi constatado que 40% das crianças e jovens palestinos já haviam testemunhado seus pais serem humilhados por soldados israelenses. Dessa maneira, os jovens perdiam a identificação protetora do pai, transferindo a necessidade de proteção ao grupo, que por sua vez prometia a proteção de Alah. “*Por que Deus? Porque ao contrário do seu pai original, Deus não pode ser humilhado, consegue apenas ser digno. Deus não pode ser derrotado, como seu pai foi, porque Deus, e só Ele, é vitorioso. E mesmo se você morrer por Deus, você não morre*” (SARRAI *apud* SAYWELL, 2005).

O discurso dos membros do grupo está repleto de uma profunda ideologia religiosa, o que confirma uma filiação ideológica fundamentalista. A inclusão de bases religiosas para todos os segmentos da sociedade contribui com essa idéia, pois o grupo defende a consolidação de um estado islâmico e assume a responsabilidade pela difusão das palavras do Alcorão por toda a sociedade.

A forte presença de Deus no discurso dos membros do grupo completa a identidade de profunda convicção de que as ações que o grupo realiza possuem um maior objetivo: fazer a vontade de Deus e ir a Seu encontro.

Em síntese, podemos dizer que o documentário constrói uma identidade do grupo quando apresenta as características do *Hamas*, ouve depoimentos e apresenta elementos históricos que apontam as origens do conflito. Pelo filme, podemos entender o apoio popular conquistado ao longo de sua atuação, o forte caráter religioso e a possibilidade de flexibilidade de ações para alcançar de maneira mais eficiente seus objetivos, como a atuação no campo político.

Apesar de opiniões muitas vezes divergentes apresentadas, há a idéia unânime de que a atuação do *Hamas* é bastante significativa na região, sendo ele um dos atores principais dos conflitos entre israelenses e palestinos. A força e o poder popular que o grupo conquistou são muito salientados pela narrativa fílmica. Levando a conclusão de que não haja “mocinhos” e “bandidos” no conflito do Oriente Médio, e sim grupos que lutam pela sua sobrevivência e soberania. O filme busca não fortalecer estereótipos, mas tentar romper os que costumam existir, apontando e construindo essa identidade.

3.3) A Tensa Relação no Oriente

A prática social é marcada pelas relações sociais entre as pessoas e/ou grupos sociais. Segundo Fairclough, a função do discurso relacional marca “as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas.” (FAIRCLOUGH, 2008, p.92).

Para entender melhor como é construída a relação entre os atores do Conflito do Oriente Médio apresentados pelo documentário, algumas categorias analíticas foram escolhidas:

Hamas X Hamas

Os membros do *Hamas* entrevistados pela equipe do documentário se apresentam como pessoas confiantes e falam com paixão daquilo que acreditam e que os une: a luta pela libertação da Palestina. Elas acreditam nos líderes do movimento e vêem a causa como justa e se dispõem a morrer por ela. Os *mujahideen* entendem o movimento como o responsável pela proteção e justiça dos palestinos, como defende um deles:

“Eu não sou da Faixa de Gaza. Estou morando aqui temporariamente. Eu sou de uma cidade que foi ocupada em 1948, como a maioria dos *mujahideen* aqui. Nós estamos temporariamente e retornaremos a nossa terra um dia. Nós lutamos para expulsar o ocupante e defendendo nossa terra e nossa dignidade. Nós só usamos a máscara em missões militares, fora isso, levamos vidas normais. Há estudantes entre nós, doutores, alguns são engenheiros, alguns são trabalhadores. Eu sou estudante universitário” (*apud* SAYWELL, 2005)

Os depoimentos dos *mujahideen* revelam que a maioria dos integrantes da organização são oriundos de pequenas cidades ocupadas pelos israelenses, e que a meta principal de sua entrada é a

defesa do território da Palestina e a luta pela honra do povo. As cenas que exemplificam o treinamento dos membros demonstram a disciplina e a seriedade com que os “combatentes” encaram a sua luta. Garantem que se tivessem uma boa vida, com paz e tranquilidade, o povo nem pensaria ou defenderia a idéia das ações terroristas, sobretudo, em se tornar um “homem-bomba”.

Hamas X Israelenses

O filme responsabiliza o Movimento Sionista de 1948 como o grande responsável pelo conflito.

“A saga dos palestinos é a história de uma brutal confiscação de sua terra, deixando um legado de maltrato e abandono. 1948, os palestinos chamam isso de *Nacba* (o desastre). Depois que a ONU declarou a partilha da Palestina e a criação de um Estado Judeu, a guerra deixou mais de 750 mil palestinos exilados de seus lares” (SAYWELL, 2005)

Dessa maneira é descrito o que representou o Movimento para os palestinos. A carga passional é bastante expressiva, termos como “maltrato”, “abandono”, “exilados” imprimem um significado de lado mais fraco, podendo despertar no receptor sentimentos de compaixão.

As entrevistas com os membros do grupo e com demais palestinos refletem um enorme grau de revolta e descontentamento com as atitudes de Israel, quando eles matam inocentes, sobretudo crianças. Os palestinos entrevistados garantem que o “inimigo” não quer a paz, e sim, acabar com o povo palestino, dominando de uma vez por todas, seu território.

Segundo o documentário, o *Hamas* em suas ações tem como meta alvos civis. Já o Estado de Israel garante que seus alvos não são civis, apesar de em todas as suas ações, dezenas de civis, incluindo crianças, morrerem. A população palestina não acredita em diferenças, e crêem que Israel tem como alvo os palestinos, civis ou não.

O assessor de comunicação do *Hamas* Gazi Hamad é entrevistado, e ele apresenta a devastação de uma cidade palestina próxima a um campo de refugiados israelenses. Diante das imagens e de como a principal rua é conhecida, “Rua dos Mortos”, a força e a violência com que Israel age é evidenciada. E mesmo após a apresentação de argumentos de civis israelenses sobre o quanto o conflito é difícil para eles também, a mensagem do documentário é expressa de maneira contundente: se os ataques do *Hamas* são dolorosos para Israel, a situação de miséria e pobreza imposta para o povo palestino é pior e mais dolorosa.

Devido a essa complicada relação entre o *Hamas* e Israel, é compreensível o porquê das ações de forte poder destrutivo:

“Nos últimos quatro anos, o *Hamas* se tornou líder indubitável de todas as facções palestinas militantes responsável pelo número mais alto de baixas israelenses. Em um ataque noturno, as balas israelenses matam um comandante do *Hamas*. É uma luta nas sombras. Os homens desaparecem na noite. Os guerrilheiros urbanos tiram suas máscaras e simplesmente desaparecem”. (SAYWELL, 2005)

Nesse sentido, é possível dizer que os membros do *Hamas* vêem os israelenses como inimigos e a meta principal de combate é a destituição de seu território. O documentário procura deixar claro que a principal razão do grupo existir é combater a ocupação, buscando o retorno dos palestinos a sua terra.

Hamas X Palestinos

Os palestinos enxergam no *Hamas* uma possibilidade de resistência, vêem nas ações do grupo uma esperança para que a situação na região se modifique. Ao longo do filme, diversas entrevistas com palestinos constroem essa idéia, como os depoimentos de estudantes da Universidade Islâmica de Gaza:

“Os fundadores dessa universidade também participavam do *Hamas*. Não que todas as pessoas da universidade sejam do *Hamas*, o *Hamas* tem grande aceitação entre os palestinos. O *Hamas* está em nossas ruas”.

“O *Hamas* tem grande aceitação entre os palestinos e a maioria de nós está de acordo com o *Hamas* e seus atos”.

“Todo estudante que você vê deseja morrer ou fazer qualquer coisa por este país porque todo dia alguém morre, todo dia uma casa é destruída”.

“Vê todos eles concordam com a resistência”

“Nós não somos animais aqui. Morrendo em seus abrigos e casa. Isso é uma prisão. Uma prisão psicológica. Nós estamos sofrendo com essa prisão. Se eu vivesse bem, eu não pensaria em me explodir. Eu não o faria. Eles [Israel] mataram uma criança de dois anos. Essa é a paz que eles querem? Nós não queremos essa paz. É melhor viver, lutar, lutar até morrer” (*apud* SAYWELL, 2005)¹⁶

É nesse apoio popular que o *Hamas* encontra sua força e novos membros. O documentário apresenta essas e outras falas de apoiadores do movimento, mostrando cenas que ilustram a situação violenta na região, como as imagens de ações Israelenses contra a Faixa de Gaza. A câmera tremulante, os gritos, sons de tiros e a trilha sonora enérgica, com fortes batidas de tambor, expressam a angústia vivida pelos palestinos em seu dia-a-dia. O texto também apresenta uma profunda intenção em intensificar a difícil situação palestina: “*doses diárias de brutalidade e violência*” (SAYWELL, 2005). Diante desse cenário, há uma explicação para a popularidade da

¹⁶ As falas correspondem a depoimentos de estudantes palestinos a equipe do documentário. Os entrevistado não tiveram seus nomes divulgados no filme.

organização: a falta de esperança, desespero, pobreza e violência, fatores esses vistos pela população palestina como de responsabilidade israelense. Dessa maneira, aqueles que se apresentam como combatentes do “inimigo” encontram um grande espaço para apoio e incentivo popular.

Os campos de refugiado são mostrados como a principal morada da resistência e da simpatia dos palestinos. Em um campo de refugiados no Líbano, o narrador confirma que “*é aqui no campo de refugiados que o Hamas tem seus mais dedicados membros*” (SAYWELL, 2005).

Exibindo cenas da segunda intifada¹⁷ e expressando o apoio popular pelas manifestações, o documentário apresenta o *Hamas* como “*a voz definitiva do povo palestino*”. Também defende que o grupo transformou a luta em algo além de uma disputa territorial, em uma luta por suas crenças em Alah.

Por esse prisma, pode-se concluir que os palestinos estabelecem uma relação de confiança e depositam no grupo a esperança de que podem ter sua terra novamente. Os depoimentos apresentam que diante do cotidiano sofrido e violento, o *Hamas* encontra adeptos para crescer e vencer novos desafios, como a vitória nas últimas eleições.

Hamas X Mulheres

Por ser uma liderança calcada em correntes ideológicas fundamentalistas, um aspecto que assusta a ascensão do *Hamas* é em relação ao tratamento dado as mulheres, uma vez que em um estado islâmico fundamentalista a mulher é subserviente ao homem.

A feminista Lama Hourani acredita que pelo fato do *Hamas* ser proibido para as mulheres a sociedade chefiada pelo movimento será antidemocrática. Por outro lado, a defensora do movimento Sra. Rantisi acredita que todas as obrigações e limitações que as mulheres estão subordinadas são missões: “*vocês deveriam saber que isto é uma missão. Martírio é uma missão. Vestir véu é uma missão. Tudo que fazemos é uma missão que irá difundir o Islã a todos*” (RANTISI apud SAYWELL, 2005).

Se por um lado, há palestinas resignadas, que “aceitam” a submissão imposta pelo fundamentalismo islâmico, há outras que temem o papel da mulher em um estado islâmico fundamentalista.

Hamas X Ocidentais

O documentário é uma produção Ocidental, sendo a equipe formada majoritariamente por canadenses. O idioma original do filme é o inglês e sua exibição ocorreu por um canal de TV a cabo

¹⁷ **Segunda Intifada**, também conhecida como intifada de *Al-Aqsa* teve início dia 29 de setembro de 2000. (HROUB, 2008, p.79)

estadunidense (HBO). Com essas informações é possível concluir que esta é uma produção cujo público alvo sejam os ocidentais.

A tentativa de abordar o tema de forma didática, na qual as informações são transmitidas corrobora a idéia de que o documentário funciona como uma espécie de manual para alguém que seja pouco familiarizado com o que seja o *Hamas* e quais os fatores que constituem o conflito na região.

O filme estabelece as diferentes relações com os envolvidos no conflito, sendo possível observar um caráter de crença, por parte dos próprios integrantes do movimento, medo e revolta, quando em relação aos israelenses, apoio pelos palestinos e desconhecimento dos ocidentais.

Com essas relações estabelecidas, pode-se perceber que o grupo é controverso e possui diversos posicionamentos. O discurso do filme apresenta algumas relações, dando oportunidade de diversos posicionamentos e visões se expressarem.

3.4) Sonhando a Palestina

A partir da prática discursiva, um texto pode contribuir para a construção de sistema de conhecimento e crenças, transmitindo assim, uma carga ideológica. Para Faircough, “a função ideacional aos modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações” (2008, p.92), o filme apresenta as significações e os elementos ideacionais que ele pretende transmitir.

Os elementos do filme conduzem a diversas reflexões. A linguagem, as imagens selecionadas, a trilha sonora e a edição conduzem o espectador a pensar sobre as diversas informações que são apresentadas. Assim, o discurso do filme permite que diversos pensamentos antes tidos como certos, sejam re-analisados, podendo modificar o conhecimento a cerca do tema abordado.

A partir de imagens da participação popular nas manifestações organizadas pelo grupo, a cineasta apresenta uma construção da identidade do grupo e provoca uma indagação: como um grupo chamado de “terrorista” tem uma simpatia popular tão grande? Ao longo do filme, muitos argumentos são apresentados, inclusive narração de fatos que sensibilizam.

Um desses fatos no qual esse emocional é buscado acontece quando é retratado um lado pouco divulgado e que o documentário faz questão de abordar: as ações de ajuda humanitária desenvolvidas pelo grupo. As caridades executadas pela Irmandade Mulçumana nunca haviam sido motivo de preocupação para Israel, porque até então, as atenções se centravam em Yasser Arafat¹⁸ e na

¹⁸ **Yasser Arafat** foi o líder da Autoridade Palestina, presidente (desde 1969) da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), líder da Fatah, a maior das facções da OLP, anteriormente uma organização terrorista, e co-detentor do Prémio Nobel da Paz. (disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u36576.shtml>>)

Organização pela Libertação da Palestina¹⁹. Porém, anos mais tarde, tais iniciativas da Irmandade, contribuiriam para o crescimento da simpatia popular dos grupos de resistência, como a criação da Universidade Islâmica de Gaza por membros do *Hamas*.

A produção também procurou ouvir a opinião de palestinos civis, que não estão diretamente envolvidos com o conflito militar. Em entrevista com um grupo de estudantes da Universidade Islâmica de Gaza, os entrevistados defenderam as ações do *Hamas*, garantindo que suas ações defendem os interesses desse povo sofrido. Os estudantes garantiram que, caso fossem convocados a morrer como mártires na luta militar do grupo, aceitariam com honra a “oportunidade”. Eles ainda comentam que apenas quem vive o dia a dia de um palestino tem possibilidade de julgar as ações. O trecho descrito possui o intuito de produzir emoções de identificação, mas como ressalta Alves: “a emoção é relativa, à medida que a intenção de emocionar não garante que isso vá realmente acontecer. É possível, assim, que haja emoções numa troca linguageira, sem que isso tenha sido um objetivo prévio dos participantes” (ALVES, 2007, p.66).

Ao dizer que as atitudes do *Hamas* só são possíveis diante a aceitação e o apoio popular, crianças sorrindo são mostradas. Dessa maneira, a idéia de um movimento bruto é esquecida, mediante o ideal de se tratar de um grupo de resistência e defesa. Com isso, é transmitido um pouco da ideologia que se pretende passar no filme, uma vez que “o discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 94).

Outro momento em que o efeito visado é despertar simpatia é quando são apresentados alguns palestinos idosos que foram expulsos de suas casas anos antes pelos sionistas com ameaças de tiros e atualmente moram em campos de refugiados. Eles guardam as chaves de suas casas e sonham em um dia voltar. Tais personagens, apesar de demonstrarem fragilidade física resultado de uma idade avançada, não desistiram de seu maior sonho: voltar para casa. A escolha de abordar esse tema sensibiliza e motiva a identificação, como se eles fossem um exemplo de luta e esperança. Nesses depoimentos também é refletida a revolta e a indignação em relação às expulsões. No final dessa seqüência uma senhora expõe com orgulho uma fotografia do fundador do *Hamas* o Sheikh Ahmed Yassin, demonstrando o apoio aos movimentos de resistência:

¹⁹ A **Organização para a Libertação da Palestina (OLP)** é uma organização política e paramilitar tida pela Liga Árabe desde outubro de 1974 como a "única representante legítima do povo palestino."(HROUB, 2008, p.13).



Figura 2 – Refugiada palestina no Líbano
Fonte: SAYWELL, 2005

Há ainda outras cenas que apelam para o lado emocional, sobretudo quando narram assassinatos de crianças, e a maioria das pessoas se sensibiliza quando há assassinatos de crianças. Em uma delas, aparece uma família israelense, que mora em uma confortável casa, em uma bela cidade, que perdeu uma filha de 17 anos após a ação de um “homem bomba”. A família comenta a tristeza que é perder um ente querido, e narram o fato. Mas, há um destaque na fala do pai, que afirma ficar mais indignado por Israel ter um poder bélico muito superior ao do *Hamas*, e o que matou sua filha, no entanto, foram os armamentos rudimentares.

A parte mais chocante da seqüência ocorre quando é apresentada a resposta Israelense ao episódio. Um tanque de guerra Israelense mirou em um campo de cultivo de morangos onde sete crianças brincavam, sendo que cinco eram irmãos, que aproveitavam o primeiro dia de férias. O tanque foi acionado e matou todas elas. Após a narrativa desse fato, a mãe dos cinco irmãos comenta a perda, de maneira muito emotiva e angustiada: *“Eu visitei minhas crianças mortas no campo e chorei. E eu chorei até as lágrimas secarem nos meus olhos. A mãe consegue agüentar o choque de perder uma criança e pode até conseguir perdoar Deus. Mas perder cinco da mesma família? Não”*.(apud SAYWELL, 2005). A narração dessas ações enfatiza a desigualdade do conflito, mas ao mesmo tempo, termina com a fala da mãe palestina condenando os dois lados: *“Eu condeno todas as operações covardes, seja israelense ou árabe. Eles acertam pessoas como nós, civis, sendo Israel ou a resistência. Deus não santifica esses atos de violência nem a morte de inocentes”*(Id.,2005).

Mais uma vez, o discurso estimula coexistência entre a lógica e emoção, quando uma legítima existência da outra no fato da dor de se perder um filho, pois “la raison n’est plus dès lors que lè

masque revêtu par la passion pour pouvoir arriver plus sûrement à ses fins²⁰” (AMOSSY *apud* ALVES, 2007, p. 67).



Figura 3 – Criança Palestina fazendo o símbolo do *Hamas*
Fonte: SAYWELL, 2005



Figura 4 – Criança Palestina em uma manifestação
Fonte: SAYWELL, 2005

No final do filme, o “novo” *Hamas* é apresentado e defendido: o partido político, sendo identificado como diferente daquele *Hamas* de alguns anos atrás. Com uma trilha sonora alegre, de música árabe, e um comício do grupo, com grande participação popular de homens e mulheres de várias idades, o documentário termina mostrando a esperança que o povo tem de liberdade na figura do *Hamas*. E encerra mostrando algumas crianças sendo apresentadas como guerreiras do futuro.

Ao trabalhar a emoção, o documentário contribui para uma construção ideológica. Ele desconstrói o estereótipo que os membros do *Hamas* sejam apenas pessoas violentas e perigosas, os “vilões” do conflito, já que apresenta as justificativas para tais ações. Mesmo que o consumidor do texto não concorde com as ações praticadas, ele pode entender o porquê delas ocorrerem. O documentário não deixa a mensagem de que o *Hamas* seja o “mocinho” do conflito, apenas o que sofre, e apresenta as razões para o combate.

²⁰ Tradução livre feita por Alves: “A razão não é mais que uma máscara usada pela paixão para chegar com maior segurança a seus fins”.

Conclusão

Com a análise do discurso do documentário *Hamas: por trás da máscara* foi possível observar as diversas possibilidades que um texto apresenta, além do que está escrito, mas o que há nas entrelinhas. Com o trabalho analítico foi possível perceber de que maneira os produtores criaram uma ponte entre o texto do filme e o contexto social no qual estavam inseridos e queriam representar, mostrando ideologias e emoções. A análise discursiva permite uma compreensão textual que ultrapassa os limites de uma interpretação de texto, possibilitando uma compreensão mais ampla e completa do que o texto se propõe a apresentar.

Assim, ao apresentar fatos e imagens sobre o conflito no Oriente Médio e entrevistas com membros do *Hamas*, com palestinos, com israelenses, com autoridades dos dois lados do conflito e com cientistas, além da forma como o filme foi editado, as cenas selecionadas, a ordem que elas aparecem, o encadeamento das idéias, foi possível perceber, a partir do viés teórico e metodológico adotado, que o filme proporciona uma desconstrução da idéia estereotipada de que existam “mocinhos” e “bandidos”.

Também foi observado que a construção do documentário tenta evidenciar outros aspectos dos membros do *Hamas*, como suas emoções diante do cotidiano violento, sua categoria profissional, suas lutas e esperanças, rompendo assim, com a imagem de grupo terrorista, humanizando o conflito. O espectador passa a entender e se identificar com o sofrimento daquela população.

O documentário, enquanto texto, materializa uma prática discursiva que possibilita ao receptor ocidental uma aproximação das personagens. A imagem de exótico que costuma ser construída em relação aos palestinos pela mídia hegemônica do Ocidente tende a dar lugar a uma imagem de semelhantes, pois o filme os humaniza, dissipando essa idéia de “diferente”. Para Said, a construção social feita em relação a tais diferenças entre o “leste” e o “oeste” não passa de uma criação discursiva, assim como o fim dessas diferenciações:

“Em minha opinião, a história é feita por homens e mulheres, e do mesmo modo ela também pode ser desfeita e reescrita, sempre com vários silêncios e elisões, sempre com formas impostas e desfiguramentos tolerados, de modo que o ‘nosso’ Leste, o ‘nosso’ Oriente possa ser dirigido e possuído por ‘nós’”. (SAID, 2007, p.14)

Tal construção social contribui para sentimentos de xenofobia ou piedade dos palestinos. Há o medo, de se conviver com pessoas tão violentas e terroristas, que atacam qualquer um, ou uma piedade de ser um povo tão “atrasado”, com tão poucos recursos. Ambas as construções de pensamentos são equivocados, como apresenta Said:

“Seria o caso de eu dizer uma vez mais que não tenho um Oriente ‘real’ a defender. Tenho, contudo, enorme consideração pela fortaleza das pessoas daquela parte do mundo [Oriente Médio], bem como por seu esforço de continuar lutando por sua concepção do que são e do que desejam ser. As sociedades contemporâneas de árabes e muçumanos sofrem um ataque tão maciço, tão calculadamente agressivo em razão de seu atraso, de sua falta de democracia e de sua supressão dos direitos das mulheres que simplesmente esquecemos que noções como modernidade, iluminismo e democracia não são, de modo algum, conceitos simples e consensuais que se encontram ou não, como ovos de Páscoa, na sala de casa. A leviandade estupefacente dos publicistas incoerentes que falam em nome da política externa e que não têm a menor noção da vida real nesses lugares (nem nenhum conhecimento da língua ou do que as pessoas reais efetivamente falam) fabricou uma paisagem árida à espera de que o poderio americano venha construir um modelo sucedâneo de ‘democracia’ de livre mercado, sem nem sequer a sombra de uma dúvida de que tais projetos não existam fora da Academia de Lagado, de Swift”. (SAID, 2007, p.15)

Apesar de culturas tão diferentes, todos são seres humanos, dotados de vontades, medos, direitos e deveres, passando a haver o entendimento que a população da região sofre uma realidade muito dura, que precisa tomar atitudes de resistência, mesmo que elas sejam de violência. As diferenças não podem ser analisadas como aspectos negativos, e sim com relativismo e alteridade. Mesmo não concordando com os atos “terroristas” passa-se a ter uma compreensão do porquê eles se fazem “necessários”. Também surge a reflexão de que quem não vivencia o conflito não tem possibilidade de julgar tais atitudes.

Deve-se levar em consideração, que muitas vezes, ao serem construídas imagens estereotipadas sobre os palestinos, na realidade, escondem-se razões econômicas, como a que Said discute, a consolidação de uma área de mercado consumidor. De um lado a rica nação Israelense, com hábitos de consumo ocidentais, de outro, tradicionalistas palestinos, alguns inclusive com hábitos nômades. Passa a ser visível assim, uma separação de classes. Com base nessa separação de classes, algo que se faz real é a luta entre elas. Bensaïd defende que a luta política é irredutível ao movimento social, e:

“Entre a luta social e a luta política, não há nem Muralha da China nem separação absoluta. A política surge e inventa-se no social, nas resistências à opressão, no enunciado de novos direitos que transformam as vítimas em sujeitos ativos. Como instituição separada que paira acima da ‘sociedade civil’, como encarnação ilusória do interesse geral e garantia, apesar de tudo, de um espaço público irredutível ao apetite privado, o Estado estrutura um campo político específico, uma relação de forças particular, uma linguagem própria do conflito. Os antagonismos sociais manifestam-se aí num jogo de mudanças e de condensações, de alianças e de oposições. A luta de classes toma, assim, a forma mediada de uma luta política de partidos”. (BENSAÏD, 2008, p.31)

Na busca para se alcançar os direitos da classe que passa por dominação, a luta social e política se faz necessária. A união e a formação de um grupo de resistência é a maneira de se conquistar objetivos. Esse processo de se posicionar contra o poder dominante é intitulado “antipoder” e se manifesta de três formas: “resistência contra o velho poder, de insurreição e de potência constituinte de um novo poder”. A resistência se faz presente na vida cotidiana, quando, por exemplo, se exerce uma postura contrária aos valores e à linguagem hermética e repetitiva dos meios de comunicação. Já a insurreição é uma forma de movimento de massa²¹ resistente que se une sob a mesma bandeira de reivindicação e realizam atos para defender o ideal comum. Já a potência constituinte de um novo poder organiza a “vida nova” conquistada a partir da insurreição. (NEGRI, 2003, p. 197-198).

No documentário, mesmo de maneira sutil, foi observado uma tendência a favorecer a defesa da insurgência palestina, uma vez que sempre após um depoimento de uma autoridade israelense, sobretudo as que questionam a legitimidade e a força do grupo, aparece ou em narração ou, em outro depoimento algum elemento que contradiga o que foi afirmado. Também é observado que nas cenas dos resultados das ações de destruição e violência dos dois lados, as imagens dos ataques das áreas palestinas são mais impactantes e a trilha sonora mais emotiva. É a partir dessa defesa que se rompe a imagem estereotipada, apresentando que eles também possuem suas razões para o confronto.

O documentário apresenta uma forte carga emotiva, destacando momentos de melancolia. As personagens são apresentadas por seus nomes, suas histórias de vida e suas opiniões, fazendo com que o ser humano representado na tela tenha um lugar de maior destaque que os fatos apresentados pelo narrador. As informações do filme são passadas pela visão das pessoas envolvidas. Dessa maneira, pode-se dizer que o filme esteja enquadrado na proposta de jornalismo literário, pois como salienta Pena, no jornalismo literário: “(...) é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados”. (PENA, 2009, p.15).

Mas mesmo fugindo das amarras da reportagem tradicional, o documentário não foge de certas especificidades, que são responsáveis pela legitimidade e veracidade do bom jornalismo. O jornalismo literário apenas inova nas formas de abordagem, como esclarece Pena:

“O jornalismo literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba construindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas”. (PENA, 2009, p.13-14)

²¹ Massa no texto não se refere ao sentido comumente utilizado pelas correntes das teorias da comunicação como sendo um grupo homogêneo e padronizado (WOLF, 2008). O termo massa segue o sentido de um grupo grande de pessoas.

O documentário, ao apresentar tais diferenciais, propicia elementos de reflexão e sensibilidade, elementos nem sempre presentes no jornalismo convencional veiculado na mídia hegemônica, que costuma se preocupar mais com os aspectos factuais da informação, não levando em consideração o impacto de tais eventos na população.

Um aspecto que diferencia a apuração realizada pela equipe do documentário do jornalismo tradicional é a impossibilidade de execução de tais reportagens por causa da rapidez com que se precisam apurar os fatos. A produção do documentário, por exemplo, demorou meses para conseguir entrevistas com os líderes do *Hamas* e com os *mujahideens*, algo que seria impossível ao se pensar no trabalho de uma redação de um jornal diário.

Outro diferencial que o documentário apresenta é o fato de ser um filme independente. A produtora responsável pela execução do filme não está veiculada a grandes estúdios cinematográficos, por isso, a produção tem mais liberdade em expressar idéias e apresentar as informações, uma vez que não precisa respeitar contratos ou não mencionar algum patrocinador.

O cinema independente, de modo geral, possui mais liberdade ao trabalhar um assunto, podendo agregar elementos não abordados com muita frequência pela mídia hegemônica. Ao entrevistar o povo palestino, os líderes do *Hamas*, a produção evidenciou isso. Ressaltando assim a importância do cinema independente como um construtor de saberes, responsável por levantar debates e propiciar o conhecimento de outras opiniões sobre um tema – no caso, o Conflito no Oriente Médio.

Ao realizar tais entrevistas, há também a construção histórica do conflito a partir do olhar dos envolvidos. Assim, pode-se ver um outro ponto de vista em relação aos fatos que propiciaram os confrontos, e entender as razões que levam os lados a cometerem atitudes violentas.

O documentário *Hamas: por trás da máscara* é uma interessante fonte de informações sobre o que é o Movimento de Resistência Palestino, quem são seus integrantes e ouvir depoimentos de quem os vivencia. A construção do documentário possibilita conhecer desde as raízes do conflito até os dias de hoje sob a visão palestina, de maneira humanizada e sensível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AL-QUDES. Disponível em <<http://translate.google.com.br/translate?hl=ptBR&sl=ar&tl=pt&u=http%3A%2F%2Fwww.abyznewslinks.com%2Fpales.htm>> Acesso 21 out 2009
- ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos do Estado**. Rio de Janeiro: Eduções Graal, 1985.
- ALVES, C.A. Efeitos da paternização no discurso fílmico. In: MACHADO, I.L., MENEZES, W., MENDES, E. (organizadores). **As Emoções no Discurso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.p. 63- 74.
- AQUINO, R. *et al.* **História das Sociedades: das sociedades modernas às sociedades atuais**. 38ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- ARBEX JR., J. **O jornalismo canalha: a promíscua relação entre a mídia e o poder**. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2003.
- ARBEX JR., J. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2001.
- BENSÁID, D. **Os Irredutíveis: teoremas da resistência para o tempo presente**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- BERNARDET, J.C. **O que é Cinema**. São Paulo: Editora Círculo do Livro, 1980.
- BERNARDET, J.C. **Cineastas e imagens do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BISHARI FILMS. Disponível em <<http://www.bisharifilms.com/bindex.html>> Acesso 26 out 2009.
- BOFF, L. **Fundamentalismo: A Globalização e o Futuro da Humanidade**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- BROTAS, A.M.P. **Terrorismo contemporâneo: fundamentalismo religioso e loucura no discurso da revista Veja**. In: CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29, 2006, Brasília.
- BRENER, J. Oriente Médio: a mídia vai à Guerra. **Revista Pangea**, 2001. Disponível em <http://www.clubemundo.com.br/revistapangea/show_news.asp?n=97&ed=2> Acesso em 21/10/2009
- CORDEIRO, R.I.N; AMÂNCIO, T. Análise e representação de filmes em unidades de informação. **Ciência da Informação**, Brasília - DF, v. 34, p. 89-94, 2005.
- DARWISH, M. **Confissão**. Disponível em: <<http://www.palestinalivre.org/taxonomy/term/14>> Acesso em 25 de março 2009.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DORNELES, C. **Deus é Inocente: a imprensa não**. São Paulo: Globo, 2002.
- ENNE, A.L. **Memórias globalizadas e a construção dos futuros possíveis**. E-Compós (Brasília), site da revista, n. nº 1, 2004.
- ESTATUTO DO HAMAS. Disponível em: <<http://www.fierj.org.br/artigos/estatuto%20do%20hamas.htm>> Acesso em 15 mai 2009.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: UNB, 2001.

FROIS, C.N. **Do telejornalismo ao Documentarismo: As novas possibilidades de diálogo entre jornalista e realidade a partir da prática do documentarismo**. Viçosa: UFV, 2007. 65p. Monografia – Curso de Comunicação Social – Jornalismo, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2007.

GHAZY, R. **Sonhando a Palestina: um romance sobre amizade, amor e guerra**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**, Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HAMAS: por trás da máscara [Hamás]. Direção de Shelley Saywell. Canadá: 2005 (Documentário; DVD; NTSC; colorido; inglês; legendado em português; Stereo; 50 min.).

HANAUER, J.E. **Mitos, lendas e fábulas da Terra Santa**. São Paulo: Landy Editora, 2005.

HOHLFELDT, A., MARTINO, L.C., FRANÇA, V.V. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

HROUB, K. **Hamás: um guia para iniciantes**. Rio de Janeiro: Difel, 2008.

KELLNER, D. **A Cultura mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LEON, Oswaldo. Para uma agenda social em comunicação. In: MORAES, Denis (org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 401-414

LYSARDO-DIAS, D. O Discurso do Estereótipo na Mídia. In: EMEDIATO, W. MACHADO, I.L., MENEZES, W. (org.) **Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE-UFMG, 2006.

MA'NA NEWS. Disponível em <<http://www.maannews.net/eng/ViewContent.aspx?PAGE=AboutUs>>. Acesso 21/10/2009

MIGLIORIN, C. Igualdade Dissensual: Democracia e biopolítica no documentário contemporâneo. **Revista Cinética**, 2008. Disponível em <http://www.revistacinetica.com.br/cep/cezar_migliorin.htm> Acesso em 28 ago. 2009.

MISLEH, A.R.I.Y. Saudades da Palestina. **Palestina Livre**, Entrevista concedida a Soraya Misleh e Arturo Hartmann. 2009 Disponível em <<http://www.palestinalivre.org/node/370>>. Acesso em 22 de ago. 2009

MELO, C.T.V., **O Documentário como Gênero Audiovisual**. Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa “Comunicação Audiovisual”, DO XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, INTERCOM de 04 e 05. setembro.2002

MONTENEGRO, S.M. **Discursos e contradiscursos: o olhar da mídia sobre o Islã no Brasil**, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v8n1/9641.pdf>> . Acesso em: 25 de abril 2009.

NEGRI, A. **Cinco Lições sobre o Império**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MORIN, E. **Cultura de massa no século XX: o espírito do tempo I Neurose**. 4ª ed. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1977.

ORWELL, G. **1984**. 29ª ed. São Paulo: Nacional, 2003

PENA, F. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

PERUZZO, C.M.K. **Revisitando os conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária.** Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa “Comunicação para a Cidadania”, do XXIX Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, Brasília- DF, INTERCOM/UnB, de 6 a 9 de setembro de 2006.

ROY, S. **Hamas and the Transformation(s) of Political Islam in Palestine.** Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/pdf/files/2004-02-17-roy.pdf>> Acesso em: 20 de maio 2009.

SAID, E.W. **Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SAID, E.W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007

SANTOS. A.L. **O Etnocentrismo Ocidental Refletido Nos Meios: O Oriente Médio e a Cultura Islâmica Inferiorizada e Ameaçadora Na Esfera Mundial.** In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 14, 2009, Rio de Janeiro.

WOLF, M. **Teorias das comunicações de massa.** 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.